

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Bruna S. do Nascimento

**A Questão da Autoria nas Revistas de
Comunicação: características e tendências**

**Porto Alegre
2008**

Bruna S. do Nascimento

**A Questão da Autoria nas Revistas de
Comunicação: características e tendências**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
aprovação na disciplina Trabalho de
Conclusão de Curso do Curso de
Biblioteconomia do Departamento de
Ciências da Informação da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Prof^a Dr^a. Ida R. C. Stumpf

**Porto Alegre
2008**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Departamento de Ciências da Informação
Curso de Biblioteconomia

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: **A Questão da Autoria nas Revistas de Comunicação: características e tendências**, elaborado por Bruna S. do Nascimento, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Banca Examinadora:

Profª Drª Ida R. C. Stumpf

Profª Drª Sônia Elisa Caregnato

Msc. Leticia Strehl

Porto Alegre, 24 de junho de 2008.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelo seu caráter público, plural e qualificado.

À Profª Drª Ida R. C. Stumpf pela sua orientação, carinho, e principalmente pela oportunidade que me concedeu de integrar o “mundo da pesquisa”.

À Profª Dr Sônia E. Caregnato especialmente por ter aceitado avaliar meu trabalho, contribuindo para a sua melhoria.

À Msc. Letícia Strehl, que se mostrou sempre disposta a auxiliar-me na confecção deste trabalho.

À minha segunda família “Beck” que de maneira generosa me acolheu em seu seio e contribui de forma decisiva para que eu chegasse até aqui.

À minha irmã de coração Joana, muito obrigada pelo amor incondicional.

À minha amiga Denise pelas sábias contribuições acadêmicas e pessoais.

Aos meus colegas do INFOTEC, Cássio e Zuleika, pelo companheirismo e pela amizade.

À Deus pela eterna oportunidade de aprimorar-me.

Aos meus pais,
pois sem eles nada disso seria possível.

O segredo na ciência rouba-lhe o principal elemento que a mantém saudável: a
opinião pública científica

Peter Kapitza

RESUMO

O estudo analisa, com base em métodos bibliométricos, a autoria das duas mais antigas revistas científicas em comunicação: a Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, primeira revista oriunda de uma Sociedade Científica da área de Comunicação e a mais antiga ainda em atividade no Brasil, e a revista Comunicação & Sociedade, publicação universitária produzida por um dos primeiros Programas de Pós-Graduação na área de Comunicação no Brasil. Analisa a autoria das duas mais antigas revistas científicas da área. O periódico Intercom – RBCC teve a autoria analisada entre os anos 1985 a 2007. Contabiliza 279 autores e 345 autorias. A revista Comunicação & Sociedade conta com 303 autores e 466 autorias e tem a análise de autoria embasada entre o período de 1979 a 2007. Relata, através da pesquisa bibliográfica, a formação da Associação de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). A pesquisa busca conhecer e comparar características da autoria, como gênero, modalidade de autoria, atividade profissional e vínculo institucional dos autores dos artigos publicados nas revistas. Procura identificar os autores mais produtivos, bem como as instituições mais representativas. Descreve as tendências da autoria utilizando a análise, por estratos temporais, do número de páginas utilizadas para a publicação dos artigos científicos, da titulação dos autores e da modalidade de autoria. Constata que ambas as revistas apresentam predominância do gênero masculino em detrimento do feminino. Na Intercom – RBCC 34% dos autores possui pós-graduação, já na Comunicação & Sociedade esse valor é de 50%. Dentre os autores que mais publicaram nessa revista, ressalta-se José Marques de Melo com 22 artigos publicados e Onésimo de Oliveira Cardoso com 9 artigos publicados. No caso da Intercom – RBCC, os autores José Marques de Melo com 8 artigos publicados e Antonio Albino Canelas Rubim com 5 artigos publicados figuram entre os mais produtivos. Comprova que apenas 26% das autorias que publicaram na revista Intercom – RBCC disponibilizam seu vínculo institucional, enquanto na Comunicação & Sociedade esse valor é de 47%. Mensura que 82% das autorias da revista Comunicação & Sociedade exercem suas atividades profissionais no Brasil; na Intercom – RBCC esse valor é de 66%. Utiliza a Lei de Lotka para estimar o padrão da produção dos autores em ambos os periódicos. Mensura a aplicabilidade dessa lei através do *software Lotkaproj*. Revela que tanto a Intercom – RBCC, quanto a Comunicação & Sociedade estão de acordo com a Lei de Lotka. Os resultados indicam que a autoria, nos dois periódicos, se apresenta de forma semelhante no que tange às suas características.

Palavras-Chave: Comunicação Científica. Periódicos Científicos. Autoria.

ABSTRACT

The study analyzes, on the basis of bibliometrics methods, the authorship of the two oldest scientific journals in communication: the Intercom - Reviewed Brazilian of Sciences of the Communication, first deriving journal of a Scientific Society of the area of the oldest Communication and still in activity in Brazil, and the journal Communication & Society, university publication produced by one of the first Programs of After-Graduation in the area of Communication in Brazil. It analyzes the authorship of the two older scientific journals of the area. The periodic Intercom - RBCC had the authorship analyzed between the years 1985 and 2007. It enters 279 authors and 345 authorships. The journal Communication & Society counts on 303 authors and 466 authorships and has the analysis of based authorship between the period of 1979 - 2007. It tells, through the bibliographical research, the formation of the Association of Interdisciplinary Studies of the Communication (Intercom) and the Program of After-Graduation of the Methodist University of São Paulo (UMESP). The research searches to know and to compare characteristics of the authorship, as sort, modality of authorship, professional activity and institucional bond of the authors of articles published in the journals. It searches to identify the most productive authors, as well as the most representative institutions. The analysis describes the trends of the authorship using, for secular stratus, from the number of pages used for the publication of scientific articles, the post of the authors and the modality of authorship. It evidences that both the journals present predominance of the masculine sort in detriment of the feminine one. In the Intercom - RBCC 34% of the authors possess after-graduation, but in the Communication & Society this value is of 50%. Amongst the authors who they had more published in this journal, Jose Marques de Melo standes out itself with 22 published articles and Onésimo de Oliveira Cardoso with nine published articles. In the case of the Intercom - RBCC, the authors Jose Marques de Melo with eight published articles and Antonio Albino Canelas Rubim with five published articles appears amongst most productive. It proves that only 26% of the authorships that they had published in the Intercom journal - RBCC show its institucional bond, while in the Communication & Society this value is of 47%. It measures that 82% of the authorshis of the Communication & Society journal exerts its professional activities in Brazil; in the Intercom - RBCC this value is of 66%. It uses the Law of Lotka to measure the standard of the production of the authors in both periodics. It measures the applicability of this law through Lotkaproj software. It discloses that as much Intercom - RBCC, as the Communication & Society is in accordance with the Law of Lotka. The results indicate that the authorship, in the two periodic ones, are presented in a similar form when it refers to its characteristics.

Key-words: Scientific communication. Periodic Scientific. Authorship.

Lista de Quadros e Tabelas

Quadro 1 – As Diferenças entre a Comunicação Formal e Informal	22
Quadro 2 – Os Diretores da Revista Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação	45
Quadro 3 – Os Editores da Revista Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação	46
Quadro 4 – Os Diretores da Revista Comunicação & Sociedade	48
Quadro 5 – Os Editores da Revista Comunicação & Sociedade.....	49
Quadro 6 – Estrutura do banco de Dados	51
Quadro 6 – Estrutura do banco de Dados (cont.).....	51
Tabela 1 – Países de Atuação da Autoria da Intercom - RBCC.....	59
Tabela 2 – Países de Atuação da Autoria da Comunicação & Sociedade	59
Tabela 3 – Intercom - RBCC: autores mais produtivos	60
Tabela 4 – Comunicação & Sociedade: autores mais produtivos	61
Tabela 5 – Produtividade dos Autores da Intercom - RBCC	63
Tabela 6 – Produtividade dos Autores da Comunicação & Sociedade	64
Comunicação & Sociedade	64
Tabela 7 – Intercom - RBCC: instituições mais representativas.....	65
Tabela 8 – Comunicação & Sociedade: instituições mais representativas.....	65

Lista de Gráficos e Figuras

Gráfico 1 – Gênero x Autoria na Revista Intercom – RBCC	54
Gráfico 2 – Gênero x Autoria na Revista Comunicação & Sociedade.....	54
Gráfico 3 – Titulação x Autoria na Revista Intercom – RBCC	56
Gráfico 4 – Titulação x Autoria na Revista Comunicação & Sociedade	56
Gráfico 5 – Atividade Profissional x Autoria na Revista Intercom – RBCC.....	58
Gráfico 6 – Atividade Profissional x Autoria na Revista Comunicação & Sociedade.	58
Gráfico 7 – Participação de Autorias Provenientes da UMESP.....	61
Figura 1 – Aplicação da Lei de Lotka da Produtividade dos Autores da Intercom – RBCC	63
Gráfico 8 – Gênero das Autorias na Revista Intercom – RBCC	66
Gráfico 9 – Gênero das Autorias na Revista Comunicação & Sociedade	67
Gráfico 10 – Modalidade de Autoria na Revista Intercom – RBCC	68
Gráfico 11 – Modalidade de Autoria na Revista Comunicação & Sociedade	68
Gráfico 12 – Tendências da Titulação na Revista Intercom – RBCC	69
Gráfico 13 – Titulação na Revista Comunicação & Sociedade	70
Gráfico 14 – Média de Páginas por Artigo na Revista Intercom - RBCC.....	71
Gráfico 15 – Média de Páginas por Artigo na Revista Comunicação & Sociedade...	71

Lista de Abreviaturas e Siglas

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

ALAIC – Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

IBBD – Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica

IES – Instituições de Ensino Superior

IMS – Instituto Metodista de Ensino Superior

INTERCOM – Associação Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

INFOTEC – Núcleo de Pesquisa em Informação, Tecnologias e Práticas Sociais

PUC/RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

PUC/SANTOS – Pontifícia Universidade Católica de Santos

PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RBCC – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação

SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

USP – Universidade de São Paulo

UMESP – Universidade Metodista de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.2 OBJETIVOS	15
1.2.1 Objetivo Geral	15
1.2.2 Objetivos Específicos	16
1.3 DEFINIÇÃO E OPERACIONALIZAÇÃO DOS TERMOS	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 A CIÊNCIA E A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA.....	18
2.2 AS SOCIEDADES E COMUNIDADES CIENTÍFICAS: HISTÓRICO E IMPORTÂNCIA	23
2.2.1 A Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação	26
2.2.2 O PósCom e o Grupo de São Bernardo do Campo	27
2.3 OS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS: VEÍCULOS DE DISSEMINAÇÃO E VALIDAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA	29
2.4 AUTOR E AUTORIA	36
2.5 MÉTODOS QUANTITATIVOS PARA A ANÁLISE DA CIÊNCIA: A BIBLIOMETRIA E A CIENTOMETRIA	40
3 METODOLOGIA	44
3.1 TIPO DE ESTUDO	44
3.2 OBJETOS DE ESTUDO.....	44
3.2.1 Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação	45
3.2.2 Comunicação & Sociedade	47
3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	49
3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	51
3.5 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	52
4 RESULTADOS	53
4.1 CARACTERÍSTICAS DA AUTORIA NAS REVISTAS.....	53
4.1.1 Gênero	53

4.1.2 Titulação.....	55
4.1.3 Atividade Profissional.....	57
4.1.4 País de Atuação.....	58
4.1.5 Autores Mais Produtivos	60
4.1.6A Produtividade da Autoria: aplicação da Lei de Lotka.....	62
4.1.7 Instituições Mais Representativas	65
4.2 TENDÊNCIAS DA AUTORIA NAS REVISTAS	66
4.2.2 Modalidade de Autoria.....	67
4.2.3 Titulação.....	69
4.2.4 Média de Páginas dos Artigos	70
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS.....	75

1 INTRODUÇÃO

A Ciência apresenta diversas características, entre elas o caráter cíclico, ininterrupto e cumulativo (ZIMAN, 1975; MEADOWS, 1999). Indubitavelmente, o arcabouço teórico de um campo do conhecimento apenas frutifica e se sustenta quando trabalha com base nessas características. Para tanto, todo o resultado de pesquisa deve ser divulgado, propiciando à comunidade científica a chance de aceitar ou refutar, para posteriormente, incorporá-lo ao saber já existente. Meadows (1999) defende que os resultados de pesquisa só podem ser definidos e incorporados como Ciência quando esses estudos passam pela avaliação de seus pares e são aprovados.

A troca de informações entre membros das sociedades e comunidades científicas apresenta uma sensível evolução nos canais utilizados para tal fim. Se inicialmente predominavam os meios informais de comunicação, tais como conversas em colóquios e congressos, além de cartas e memorandos, hoje a comunidade científica mantém-se em permanente retroalimentação através de uma aprimorada rede de comunicação científica.

O sistema de comunicação da ciência (ou simplesmente comunicação científica) compreende todos os meios utilizados pelos pesquisadores para tornar público seus estudos. “O fruto desse sistema é a literatura científica, essa reunião de documentos pertencentes a uma classe singular que delimita o cenário dos debates científicos e que torna possível que a ciência seja uma empresa coletiva.” (MALTRÁS BARBA, 2002, p. 17, tradução nossa).

A operacionalização da comunicação científica se dá através dos veículos de disseminação da informação, entre eles destacam-se as revistas científicas. Elas surgem com o intuito de facilitar e agilizar o acesso, além de armazenar os novos conhecimentos produzidos pela comunidade científica.

A presente monografia teve como principal inspiração, a participação da autora, como bolsista de Iniciação Científica (CNPq), no projeto de pesquisa intitulado “Revista Brasileira de Ciências da Comunicação - Intercom: múltiplos olhares” coordenado pela Professora Dra. Ida R. C. Stumpf e desenvolvido no Núcleo de Pesquisa em Informação, Tecnologias e Práticas Sociais (INFOTEC) vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Atua nesse ambiente há um ano e meio, como bolsista de Iniciação Científica (com bolsa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq).

A participação no Projeto, que tem como principal objeto de análise a Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, escolhida por se tratar da primeira revista oriunda de uma Sociedade Científica da área de Comunicação e a mais antiga ainda em atividade no Brasil, propiciou o primeiro contato da autora com o estudo em profundidade de periódicos científicos. Em especial, por participar da etapa que caracteriza a autoria dos trabalhos publicados.

No presente trabalho de conclusão do Curso de Biblioteconomia decidimos ampliar a pesquisa sobre autoria com a incorporação de um novo objeto de estudo: a revista Comunicação & Sociedade, publicada pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Ela foi escolhida, dentre outras, para compor a análise, por tratar-se de uma publicação universitária produzida por um dos primeiros Programas de Pós-Graduação na área de Comunicação.

Podemos dizer que o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMESp cresceu junto com a Intercom. Ele aprendeu, evoluiu, sofreu e enriqueceu-se com esta reconhecida instância de debate e produção o conhecimento, que tem se afirmado cada vez mais como um grande fórum democrático das ciências da comunicação [. . .]. (PESSINATTI, 2003, p. 45).

Como o interesse era traçar um perfil da autoria dos trabalhos publicados, a análise terminou por desconsiderar o precursor da Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação o Boletim Intercom (1979-1983). Essa publicação não se configurava como um periódico científico, mas sim como um noticiário informativo. A partir do ano de 1984, o Boletim modifica seu nome para Intercom – Revista Brasileira de Comunicação e adquire características de revista científica. Nos dois fascículos de 1984 a revista manteve alguns padrões e divisões de conteúdo tais quais os observados em seu predecessor Boletim Intercom. Esse fato determinou a exclusão do primeiro ano da Intercom – Revista Brasileira de Comunicação de nossa amostra. Para o presente estudo, utilizou-se apenas os fascículos produzidos no período de 1985 a 2007.

O periódico Comunicação & Sociedade teve toda a sua produção analisada, compreendendo os anos de 1979 a 2007, pois a revista, desde a sua primeira edição, já apresentava estrutura de periódico científico.

A presente investigação configura-se como um estudo bibliométrico que utiliza a análise quantitativa para auxiliar na verificação das características da autoria. A análise busca conhecer e comparar características da autoria das duas mais antigas revistas científicas da área. Utiliza a Lei de Lotka para estimar o padrão da produção dos autores em ambos os periódicos. Com a aplicação desse método, foi possível aferir se a autoria na Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação e na revista Comunicação & Sociedade se distribui de acordo com o postulado de Lotka.

Assim, o presente estudo contempla a análise da autoria da Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação e da revista Comunicação & Sociedade – que juntas compõem, de forma definitiva e complementar, tanto o cenário incipiente da Comunicação no final dos anos 70 – como a busca incessante pela consolidação do campo na atualidade.

Esta investigação pretende contribuir para com a área da Comunicação, no que tange ao conhecimento sobre as características da autoria dos trabalhos publicados nas duas mais antigas revistas científicas ainda correntes no Brasil, ao mesmo tempo que busca propiciar uma maior visibilidade da produção intelectual de sua comunidade.

1.2 OBJETIVOS

Os objetivos do presente projeto foram subdivididos em Geral e Específicos, conforme a seqüência abaixo.

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar a composição da autoria e co-autoria dos trabalhos publicados na Intercom – RBCC e na revista Comunicação & Sociedade.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) identificar as características e tendências da autoria quanto:
 - ao gênero,
 - à modalidade,
 - à titulação,
 - à atividade profissional,
 - à vinculação institucional,
 - à produtividade,
 - média de páginas utilizadas pelos autores em seus trabalhos,
- b) identificar as instituições mais representativas;
- c) verificar a existência de endogenia;
- d) observar as tendências da autoria, de acordo com extratos temporais, quanto:
 - ao gênero,
 - à modalidade,
 - à titulação,
 - média de páginas utilizadas pelos autores em seus trabalhos.

1.3 DEFINIÇÃO E OPERACIONALIZAÇÃO DOS TERMOS

Artigo

De acordo com a NBR 6022/ 2003 artigo é parte de uma publicação com autoria declarada, que apresenta e discute idéias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento. Ele pode ser de revisão quando se propõem a resumir, analisar e discutir informações já publicadas, ou original quando apresenta temas ou abordagens originais. No presente trabalho, são considerados artigos, as seguintes seções da revista Intercom (1985-2007): artigos, comunicações científicas e ensaios. Na revista Comunicação & Sociedade de 1979-1999, foi considerado artigo toda e qualquer contribuição que contivesse referências, pois a revista ainda não apresentava seções definidas e de 2000-2007 a análise centrou-se nos artigos e dossiês.

Autor	Conforme a NBR 6022/ 2003 o autor é a pessoa(s) física(s) responsável(eis) pela criação do conteúdo intelectual ou artístico de um documento. Neste estudo, considera-se Autor a(s) pessoa(s) que assina(m) os artigos.
Autoria	No presente estudo refere-se ao total de autores encontrados e contabilizados em ambos os periódicos.
Modalidade	Nesse estudo modalidade refere-se ao número de autores que assinam os artigos, podendo apresentar-se como autoria individual ou de dois, três ou mais autores.
Periódico Científico	Segundo a NBR 6022/ 2003 periódico científico é um dos tipos de publicações seriadas, que se apresenta sob a forma de revista, boletim, anuário etc., editada em fascículos com designação numérica e/ou cronológica, em intervalos pré-fixados (periodicidade), por tempo indeterminado, com a colaboração, em geral, de diversas pessoas, tratando de assuntos diversos, dentro de uma política editorial definida, e que é objeto de Número Internacional Normalizado (ISSN). Nesta pesquisa utilizar-se-á como sinônimo de Revista Científica ou simplesmente Periódico.
Procedência	No estudo será o país no qual o(s) autor(es) desempenha(m) suas atividades profissionais.
Titulação	Nessa investigação será considerada como o maior grau de formação acadêmica dos autores, distribuída entre graduados, especialistas, mestres e doutores.
Vínculo Institucional	Na pesquisa foi considerado Vínculo Institucional o primeiro local de trabalho manifestado pelo autor na credencial constante no artigo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, são abordados alguns temas imprescindíveis para embasar satisfatoriamente o trabalho. Dentre eles: a ciência, a comunicação científica, histórico e funções das revistas científicas, conceitos de autoria e de co-autoria e, por fim, os métodos quantitativos para a análise da ciência.

2.1 A CIÊNCIA E A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Desde tempos imemoriáveis, o homem utiliza o sentimento de eterna insatisfação para modificar seu entorno. O desejo de transformar e adequar o meio ambiente às suas necessidades (e porque não aos seus caprichos) é a mola propulsora de todos os avanços científicos e tecnológicos produzidos pela sociedade. “Querer dar uma resposta à pergunta ‘Que é a Ciência’ demonstra quase tanta presunção quanto tentar definir o sentido da própria vida.” (ZIMAN, 1979, p. 17). Definir a Ciência como sendo isso ou aquilo é não só uma temeridade, mas também um reducionismo de seu caráter inter, trans e multidisciplinar. De acordo com os postulados de Ziman (1979) e Dixon (1976), a Ciência se constitui pela junção de diversas facetas e interpretações oriundas do pensamento humano e, portanto, não deve ser restringida a uma ou outra definição. Como fruto das ações e ambições do ser humano, a Ciência apresenta a característica social que é inerente aos indivíduos. Conforme salienta Targino (2000, p. 2):

A ciência determina mutações sociais e, ao mesmo tempo, recebe da sociedade impactos que a (re)orientam em busca de novos caminhos, que lhe possibilitam responder novas demandas e assumir novas prioridades. Esta relação de confrontos e cooperação entre ciência e sociedade é o elemento gerador de crises, das quais resultam recuos e avanços, e a propalada crise de paradigmas.

Ziman (1979, p. 26) afirma que “A Ciência é conhecimento, e, por conseguinte, intelectual, conceitual e abstrata. [. . .] é pública, e por conseguinte moldada e determinada pelas relações sociais entre indivíduos.” Como fruto de uma atividade humana, a Ciência caracteriza-se como coletiva, corporativa e social (DIXON, 1976; ZIMAN, 1979).

É inegável que as descobertas científicas têm caráter transitório e não-absoluto. A cada novo passo, rumo ao desenvolvimento, a comunidade científica substitui, incorpora ou adapta antigos saberes aos novos conhecimentos que estão sendo gerados.

A eterna mobilidade das descobertas possibilita ao homem a chance de estar permanentemente em processo criativo e evolutivo, corroborando o avanço e o amadurecimento da Ciência. Também se pode inferir que há uma relação direta entre o que se investe em Ciência e o crescimento socioeconômico de um país. A criação de patentes, sejam elas industriais, ou comerciais, são reflexo dessa importância conferida à atividade científica.

No Brasil, esses investimentos estão aquém do necessário, como afirma Piza (2005, p. 84) “O orçamento federal para pesquisa científico-tecnológica é muito pequeno, mal ultrapassa 1% do PIB [. . .].” Não raro, surgem remédios patenteados por empresas estrangeiras com princípios ativos retirados da floresta Amazônica. Abramczyk (2005, p. 139) relata que “O Brasil paga *royalties* altíssimos para colocar à disposição da população os remédios necessários. Com raras exceções, as principais drogas que resultaram nos principais remédios receitados pelos médicos, não foram desenvolvidas no país.” Não cabe aqui adentrar em questões de biopirataria, mas sim buscar evidenciar como a comunidade científica brasileira resiste, buscando incentivos junto às agências de fomento científico e à iniciativa privada (através de parcerias) de maneira heróica, a falta de insumos e de estímulos no que se refere ao papel que deveria ser desempenhado pelo estado. Piza (2005, p. 80) ratifica essa idéia quando expõem que

O que não há no Brasil é a compreensão de que educação, ciência e tecnologia são apenas algumas das rubricas do orçamento oficial, mas todo um processo que envolve a sociedade, sua mentalidade e produtividade; como tal, o investimento escasso e/ou mal direcionado nessas áreas implica perdas – econômicas e sociais – para o país todo.

A disseminação dos novos conhecimentos deve utilizar meios adequados para este fim. Meadows (1999) fornece um exemplo célebre de falha na divulgação de um dos mais importantes descobrimentos científicos dos últimos tempos: a genética de Mendel. Ele teve seus estudos originais esquecidos em uma gaveta por mais de um século. É imprescindível que toda a produção científica seja comunicada à comunidade científica, para que ela possa avaliar o mérito e a relevância das contribuições. Conforme descreve Ziman (1979, p. 24)

Ciência é conhecimento público [. . .] qualquer pessoa pode fazer uma observação, ou criar uma hipótese, e se ela dispuser de recursos financeiros poderá mandar imprimir e distribuir seu trabalho para que outras pessoas o leiam.

Aqui é importante frisar a diferença entre Ciência e Conhecimento Científico. De acordo com Ziman (1979) e Meadows (1999), os resultados do “fazer Ciência” passam a ser vistos como Conhecimento Científico somente depois de uma criteriosa avaliação pelos pares. Nesse momento os novos saberes são reconhecidos e incorporados ao arcabouço científico pré-existente. Para tanto, o sistema de comunicação da ciência é o meio formal que ratifica e referenda a análise.

O processo de comunicação científica remonta à Grécia Antiga quando filósofos, como Aristóteles, Platão e Arquimedes, debatiam amplamente suas idéias dentro e fora das academias. Nos séculos XVI e XVII Bacon, Descartes e outros criam o método experimental que contrasta com o conhecimento empírico que dominava as argüições na antiga Grécia. Meadows (1999) afirma que foi a partir do século XVII que o sistema de informação científica toma maiores proporções. Ele passa a atingir um número maior de pessoas e amplia seu alcance geográfico. As cartas pessoais deixam de ser o principal meio para a comunicação de descobertas entre estudiosos. Ziman (1979) confirma que a implementação desse sistema de divulgação da ciência baseado em publicações periódicas com abrangência espacial e temporal infinitamente superior ao antigo modo auxilia sobremaneira o desenvolvimento do método científico.

Com a explosão bibliográfica, estimulada pelo advento dos tipos móveis e do papel de celulose, surge a premência de se constituir uma rede ainda mais eficiente para a transferência de informação. É flagrante a necessidade de estabelecer filtros que auxiliem na busca e seleção da informação, pois uma profusão de conhecimentos incompletos e/ou equivocados misturam-se à literatura científica de qualidade. Fato que retarda os avanços científicos, uma vez que cabe ao cientista a árdua tarefa de reunir o material pré-existente sobre questões de seu interesse e que fundamentam ou refutam seus estudos.

A comunicação científica configura-se como peça imprescindível para a validação e para o crescimento da ciência. Nesse sentido Stumpf (1994, p. 43) afirma que:

[. . .] a comunicação surge como fator inerente à própria ciência, fazendo parte de sua natureza e de sua prática. De sua natureza porque a investigação científica precisa ser comunicada ou rejeitada pela comunidade científica. De sua prática, porque a comunicação está no âmago do método científico que, para ser seguido, exige a consulta aos trabalhos anteriores e conclui com a divulgação dos resultados.

A principal função da literatura científica está em disponibilizar os resultados, sejam eles parciais ou finais, de uma pesquisa à comunidade científica da área. A comunicação científica “[. . .] engloba as atividades associadas à produção, à disseminação e ao uso da informação, desde o momento em que o cientista concebe uma idéia para pesquisar até a aceitação dos resultados como constituinte do estoque universal de conhecimentos.” (TARGINO, 1999, p. 75).

A comunidade científica necessita estar em permanente contato. Não se pode conceber que cientistas vivam de forma isolada e produzam descobertas à margem da sociedade. A comunicação entre os pares pode ser efetivada utilizando dois canais: o formal e o informal como mostra o Quadro 1.

Canais Formais	Canais Informais
Público potencialmente grande	Público restrito
Informação armazenada de maneira permanente e recuperável	Informação não armazenada, não recuperável
Informação relativamente velha	Informação recente
Informação comprovada	Informação não comprovada
Disseminação uniforme	Direção do fluxo escolhido pelo produtor
Redundância remunerada	Redundâncias às vezes muito importante
Ausência de interação direta	Interação direta

Quadro 1 – As Diferenças entre a Comunicação Formal e Informal

Fonte: Le Coadic, 1996, p. 34.

De acordo com Meadows (1999, p. 135) “Para a comunicação eficiente de informações científicas, as fontes formais impressas devem ser complementadas com as fontes informais (geralmente orais).” Os canais formais congregam livros, periódicos científicos, anais e etc.

Em contrapartida, os meios informais são compostos por conversas entre os pares (sejam elas escritas ou não) em congressos, colóquios e etc., além de cartas, correio eletrônico, telefonemas entre outros. Cabe ao cientista escolher qual o meio que melhor lhe convém para divulgar seus resultados (conclusivos ou em fase de conclusão).

Segundo Stumpf (1994, p. 43) é “[. . .] através da comunicação dessas mensagens que o cientista recebe o devido crédito científico pelo trabalho realizado e o conseqüente prestígio profissional entre seus pares, como forma de retribuição pelo esforço despendido.” A pressão sofrida pelo cientista, para produzir e publicar é cada vez maior. Com o famigerado sistema de recompensas (Efeito Mateo) recebe mais incentivos e maior reconhecimento, quem publica mais. Todavia, aspectos como qualidade e relevância nem sempre são levados em consideração pela cadeia de produtores da Ciência para laurear esse ou àquele cientista.

2.2 AS SOCIEDADES E COMUNIDADES CIENTÍFICAS: HISTÓRICO E IMPORTÂNCIA

Em meados do século XV, estudiosos de diversas áreas do saber intitulavam-se como “[. . .] cidadãos da ‘República das Letras’, afirmação que expressava a sensação de pertencerem a uma comunidade que transcendia as fronteiras nacionais.” (BURKE, 2003, p. 26). Nessa época a união entre pesquisadores ainda não estava institucionalizada, tratando-se portanto, de uma sociedade imaginária, mas que mantinha laços relacionais que transpunham as barreiras geográficas.

Segundo Meadows (1999), a primeira sociedade científica surgiu em Londres no ano de 1662 sob a alcunha de Royal Society. O termo Royal se deve ao fato de que o rei Carlos II concordou em oferecer seu patrocínio à comunidade. Reunidos periodicamente para a discussão de questões filosóficas, essa união de pesquisadores acabou elegendo a comunicação como foco de suas atividades.

Os fundadores, influenciados pelas idéias incipientes de Bacon que “[. . .] no último de seus livros, descrevera as atividades possíveis de uma instituição de pesquisa”, estabeleceram como meta a coleta e análise de informações relevantes para a comunidade científica. (MEADOWS, 1999, p. 5).

A atualização das informações para toda a sociedade era feita através das viagens feitas ao exterior por parte de seus membros, bem como pela sistematização de leitura e resumos dos textos publicados. Um esquema de correspondentes externos (que registravam as informações de seus países de origem) também foi constituído para facilitar e baratear os custos dessa rede de informações. A figura do secretário Henry Oldenburg é notável. Escritor contumaz de cartas ele se configurou como o principal difusor dos novos conhecimentos entre os membros da Royal Society. Cortês (2006) afirma que a responsabilidade e o mérito pela introdução do conceito de periódico científico no mundo são das sociedades científicas do século XVII. Na tentativa de reduzir os gastos com o envio de cartas individuais a todos os membros, a Royal Society opta pela criação de uma publicação impressa, fato que amplia o alcance geográfico das informações produzidas pelos membros da sociedade. (MEADOWS, 1999).

A França também se inclui entre as pioneiras na congregação de estudiosos com a Académie Royale des Sciences que surge em 1666. Meadows (1999) afirma que a diferença, em geral, entre as academias e as sociedades, é que era mais corriqueiro que as primeiras recebessem incentivos financeiros por parte do governo e de iniciativas externas do que as sociedades. Essas associações contavam apenas com as taxas cobradas de seus sócios e talvez por isso apresentassem um número maior de membros diletantes. Burke (2003) corrobora a importância vital das sociedades científicas para o desenvolvimento da Ciência quando afirma que:

Nos primórdios da Europa moderna, as sociedades de estudiosos ajudaram a criar uma identidade coletiva para os letrados e encorajaram o desenvolvimento de comunidades intelectuais, tanto os pequenos grupos mais íntimos quanto a comunidade mais ampla da república das letras, ligadas por visitas e sobretudo por correspondência. (BURKE, 2003, p. 47).

As sociedades atuam como aglutinadoras de pessoas e esforços em torno de um objetivo comum: o avanço e a consolidação da Ciência. Targino (2000) corrobora essa afirmativa quando estabelece que dentre as atribuições das sociedades científicas está a tarefa de compartilhar conhecimentos com toda a comunidade, a autora ainda destaca que estudiosos do tema, como Garvey (1979), Meadows (1999) e Mueller (1995), consideram o processo de comunicação científica como uma interação psicológica entre os interesses individuais e grupais, mediante influência recíproca permanente. (TARGINO, 2000).

As academias científicas apresentam semelhanças de forma e estrutura com as sociedades científicas, pois ambas se configuram como uma organização política e hierarquizada de indivíduos que partilham idéias e conhecimentos a respeito de temas específicos. No que tange especificamente às comunidades científicas elas são formadas “[. . .] pelos praticantes de uma especialidade científica. Estes foram submetidos a uma iniciação profissional e a uma educação similares [. . .]”. (KUHN, 1997, p. 220).

A definição do autor acima referenciado reforça algumas semelhanças conceituais entre sociedades e comunidades no que tange a formação do grupo que as compõem. Ambas objetivam congregar pesquisadores que estudem uma mesma disciplina, e assim possam somar esforços que auxiliem no crescimento de determinado campo científico.

Para Kuhn (1997) a parcela da população que estuda um mesmo objeto de pesquisa é extraída da sociedade em geral dando origem às comunidades científicas. É a partir da reunião desses estudiosos, em torno de um mesmo tema, que a Ciência evolui. Esse progresso é, invariavelmente, fruto das “revoluções científicas”, que propiciam as mudanças e adequações das verdades, sempre mutáveis, que constituem o arcabouço teórico da Ciência.

Todavia, existem algumas orientações e diretrizes que contribuem para a distinção entre sociedades e comunidades. Entre elas está o fato de que as sociedades possuem cunho político e cooperativo, muitas vezes provenientes de um contrato entre indivíduos. O termo sociedade compreende um

Grupo de indivíduos que vivem por vontade própria sob normas comuns [. . .] grupo de pessoas que se submetem a um regulamento a fim de exercer uma atividade comum ou defender interesses comuns [. . .] contrato consensual pelo qual duas ou mais pessoas se obrigam a reunir esforços ou recursos para a consecução dum fim comum. (FERREIRA, 1985, p. 1315).

Muitas vezes, essa associação pressupõe o pagamento de mensalidades, e/ou engajamento em cargos administrativos. Já as comunidades apresentam uma organização simplificada, pois se caracteriza apenas pelo desenvolvimento a partir da reunião não institucionalizada de indivíduos com o mesmo objetivo norteador.

No Brasil, algumas sociedades e comunidades científicas exercem esse papel aglutinador. A seguir, são destacadas uma sociedade e uma comunidade científicas na área de Comunicação: a Intercom e o Grupo de São Bernardo do Campo.

2.2.1 A Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

Surgida em julho de 1977, a primeira sociedade científica da área de comunicação no Brasil, emerge “[. . .] durante o Congresso Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) realizado na Pontifícia Universidade Católica de Santos (PUC/Santos), vindo a constituir-se oficialmente em dezembro do mesmo ano, em reunião na Faculdade Cásper Líbero.” (PESSINATTI, 2003, P. 45).

Aspectos políticos permearam essa criação, pois o governo militar havia proibido a realização do Congresso Anual da SBPC naquele ano. Sua realização em 1977, só foi possível graças a atitude corajosa do então cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, que abriu as portas da PUC para abrigar o SBPC. Numa espécie de mobilização civil-científica o evento acabou ampliando a participação de profissionais de áreas do conhecimento não tradicionais, como Ciências Políticas e Sociais, História, Letras entre outras.

A área da Comunicação mostrou inexpressiva contribuição, além de mostrar-se dispersa com a apresentação dos poucos trabalhos em diferentes eixos temáticos como lingüística, sociologia e outros. José Marques de Melo, idealizador e primeiro presidente da Intercom, observando a todos esses fatos, questionou os dirigentes do SBPC sobre o motivo pelo qual outras áreas do saber conseguiam projetar-se de maneira independente. A resposta obtida foi de que o encontro era resultado da união de diversas Sociedades Científicas que se propunham a congregar pesquisadores de uma mesma área. Como a idéia de criar uma Associação já havia sido discutida entre os membros da área de Comunicação, mas efetivamente nenhuma iniciativa vingou, estava novamente aberta a discussão sobre a vital importância de criar uma sociedade que reunisse todos os interessados no campo da Comunicação. (PESSINATTI, 2003).

O âmbito da Comunicação era especialmente incômodo para o governo militar que conferiu à nova entidade características transgressoras e atuação quase clandestina.

Inserida nesse contexto histórico turbulento e repleto de indefinições, a Intercom surge como fruto de diversas contribuições de docentes de universidades públicas e particulares, como, por exemplo, o grupo da Cásper Líbero e da ECA/USP, além de entidades religiosas. “[. . .] duas características desde o início adotadas pelo grupo fundador parecem importantes quanto à realização do projeto: o pluralismo e a idéia de integração nacional dos pesquisadores.” (ROMANCINI, 2004, p. 19). A criação da primeira sociedade científica da área de Comunicação estava, enfim, concretizada. Pessinatti (2003) corrobora a importância e a atuação da Intercom quando afirma que

A Intercom tem se constituído numa instância paradigmática para a pesquisa e o ensino da comunicação no país pela ressonância de suas múltiplas iniciativas, como, por exemplo, as atividades de seus núcleos de pesquisas temáticas, os simpósios regionais de pesquisa, os colóquios internacionais [. . .]. (PESSINATTI, 2003, p. 51-52).

Logo após o estabelecimento do estatuto, nascia o Boletim Intercom (primeiro produto editorial da sociedade). Ele seria o embrião da Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, um local para discussão e reflexão sobre as questões que envolvessem problemas nacionais da Comunicação.

2.2.2 O PósCom e o Grupo de São Bernardo do Campo

Criado em 1978, o PósCom, do então Instituto Metodista de Ensino Superior, oferece o curso de mestrado com a proposta de oportunizar um espaço para o debate e o exercício da democracia através dos estudos voltados para a comunicação não-hegemônica, “[. . .] buscando um campo de pesquisa distinto daqueles já cobertos pelas universidades que desenvolviam atividades de pós-graduação em Comunicação Social” (CARDOSO, 1988, p. 115-116). O curso obteve, a partir do estabelecimento dessa postura de vanguarda, uma resposta bastante positiva da comunidade científica.

No que tange a questão geográfica e política, o PósCom emerge em pleno ABC paulista, pólo metalúrgico do país, e local dos Movimentos Sindicais.

Os sindicalistas retomam suas atividades, organizando greves e comícios em prol da modificação do modelo econômico aplicado pelos militares, fato que resultou no aumento da concentração de renda, de terras, e da miséria e, principalmente, da redemocratização do país. Toda essa conjuntura contribui para que o foco das linhas de pesquisa contemplassem a realidade proletária na “[. . .] tentativa de desvendar a trama ideológica intrínseca à comunicação dirigida às classes subalternas [. . .].” (CARDOSO, 1988, p. 116).

A orientação religiosa, do então Instituto Metodista de Ensino Superior, permeia os preceitos ecumênicos da Igreja Evangélica Metodista que apresenta cunho social e comprometido com os oprimidos que “[. . .] se pauta por diretrizes educativas não mercantilistas, não massificadoras, orientadas para servir a comunidade [. . .].” (CARDOSO, 1988, p. 115). Essa realidade, espacial-religiosa, influencia sobremaneira os rumos e os resultados das pesquisas produzidas pelo PósCom.

Em 1995, o PósCom amplia sua atuação oferecendo o curso de Doutorado em Comunicação Social, sob os mesmos moldes que orientaram a edificação do mestrado, por mais que naquela época já estivesse claro, para os docentes, que uma mudança de enfoque se fazia necessária para a correta adequação às mudanças ocorridas no Brasil. Conforme enfatiza Melo (1999, p. 165)

Quando sentimos que era o momento de dar um passo adiante, instituindo o Curso de Doutorado, começamos a pensar a mudança de seu enfoque. Estava claro que as linhas de pesquisa voltadas quase que exclusivamente para o setor público nacional deixavam de ter sentido numa conjuntura marcada pela dupla articulação das privatizações no setor de telecomunicações e da globalização no âmbito das indústrias audiovisuais.

A partir do ano 2000, o PósCom concentra suas pesquisas somente nos Processos Comunicacionais com a intenção de criar uma célula nuclear que de acordo com Melo (1999, p. 167-168), comportasse “[. . .] dialeticamente o industrial e o artesanal, o público e o privado, o tradicional e o pós-moderno, o internacional e o local.”

Analisando a trajetória histórica do PósCom, observa-se a importância conferida à atualização das linhas de pesquisa, sempre imbricada com a realidade sociopolítica do país e buscando o melhoramento da qualidade de ensino oferecida. Segundo Melo (2007, p. 166) com a transformação da “[. . .] antiga federação de escolas superiores (IMS) [. . .]” em universidade em 1997, há um incremento no corpo docente com a contratação de novos professores oriundos de grandes universidades públicas e também de jovens doutores. Isso conferiu à nova equipe o encontro perfeito entre a experiência dos mais antigos com a motivação dos iniciantes na arte do ensino.

Concomitantemente à criação do curso de Pós-Graduação do IMS, emerge o Grupo de São Bernardo, que tem na sua primeira formação, “[. . .] pesquisadores alijados, por motivos políticos ou preconceito intelectual, dos quadros das universidades renomadas [. . .].” (MELO, 2003, p. 15).

Hoje, o grupo é constituído não só por pesquisadores e por todos os formados (mestres e doutores) oriundos da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), antigo IMS, mas também por docentes atuantes nas mais diversas Instituições de Ensino Superior brasileiras e latino-americanas, além de contar com pesquisadores de países africanos de língua portuguesa. Se o grupo nasceu de uma iniciativa marginal, ou seja, distante da comunidade científica predominante, atualmente está consolidado e ultrapassa o número de quatrocentos membros. Pautado pelo pluralismo acadêmico, o Grupo de São Bernardo busca “[. . .] manter a unidade sem perder a diversidade, estimular a continuidade sem ameaçar a inovação, instigar a criatividade intelectual sem abdicar do rigor cognitivo, eis o trinômio utópico com que se tem debatido o Grupo nesse seu primeiro quarto de século de atividades.” (MELO, 2003, p. 16).

2.3 OS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS: VEÍCULOS DE DISSEMINAÇÃO E VALIDAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

O periódico científico surgiu em meados do século XVII. Seus editores tiveram como intuito inicial a obtenção de lucro, a geração de novos conhecimentos e a criação de um espaço para o debate coletivo.

Com a chegada do periódico científico, a formalização do processo de comunicação tornou-se real. A comunicação informal tem por característica a efemeridade, além de ficar disponível apenas a um público seletivo de pessoas.

Em contrapartida, a comunicação formal, realizada neste caso através dos periódicos científicos, é uma forma de ampliar o acesso a um número cada vez maior de leitores e torná-la disponível pelo maior tempo possível, permitindo assim, uma maior interação e troca de informações entre os pares.

De acordo com Meadows (1999), em janeiro de 1665 a primeira revista científica é publicada com o título *Journal des Sçavans* (a grafia foi modificada, no século XIX, para *Journal des Savants*). Confeccionada e idealizada por Denis de Sallo, a revista propunha-se a divulgar acontecimentos ocorridos na “República das Letras”, além de catalogar e resumir livros, publicar necrológios de celebridades, descrever progressos científicos etc. Ou seja, ela estabeleceu uma ampla cobertura de funções. O autor afirma que, em função do escopo dessa publicação, ela pode ser considerada a precursora das revistas no sentido que a concebemos hoje, ou seja, como magazines (*journal*), meio de divulgação de notícias direcionadas para o público em geral.

Em um encontro da Royal Society, o secretário Henry Oldenburg faz a leitura de parte do conteúdo do *Journal des Sçavans* para os membros da sociedade. Esse fato inspira a criação da *Philosophical Transactions* em março de 1665.

Com um escopo que se propunha a ser tão amplo como o *Journal des Sçavants*, a *Philosophical Transactions*, viu na sua ligação com a coroa inglesa, a impossibilidade de abarcar temas políticos e religiosos. A entidade publicadora alegou que apenas os estudos ditos experimentais eram de seu interesse. (MEADOWS, 1999). Em função disso a publicação pode ser considerada a precursora do que hoje chamamos de periódico científico.

O surgimento do periódico científico marca, de maneira definitiva, a modificação no veículo utilizado para a divulgação de resultados de pesquisa entre a comunidade.

Ziman (1979, p. 118) explicita que

a [. . .] vantagem de uma publicação regular é que ela proporciona uma divulgação rápida e garantida dos resultados de um grande número de pesquisas que, se tomadas separadamente, não teriam grande significação, mas que ao se concatenarem umas com as outras estimulam novos trabalhos, formando o grosso das pequenas e minuciosas observações sobre as quais se alicerçam os grandes avanços científicos.

Esse fato auxilia sobremaneira o crescimento da ciência, possibilitando uma comunicação formal mais rápida, mais econômica e mais eficiente. Assim como as sociedades e academias surgiram com o intuito de congregarem estudiosos, o periódico científico também cumpre essa tarefa. Ziman (1979) destaca que seus assinantes acabam por manter laços sociais entre si. Ainda de acordo com o autor, o surgimento de um periódico especificamente voltado para uma área do conhecimento é resultado da criação e aceitação de um novo campo do saber.

De acordo com Stumpf (1996, p. 1) a “[. . .] complexidade do estudo das revistas começa pela própria definição do que sejam estas publicações.” A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 2003, p. 2) conceitua publicações periódicas como um dos tipos de publicações seriadas, que se apresenta sob a forma de revista, boletim, anuário etc., editada em fascículos com designação numérica e/ou cronológica, em intervalos pré-fixados (periodicidade), por tempo indeterminado, com a colaboração, em geral, de diversas pessoas, tratando de assuntos diversos, dentro de uma política editorial definida, e que é objeto de Número Internacional Normalizado (ISSN).”Esse tipo de publicação possui características próprias que o diferem de outros veículos de disseminação da informação. Stumpf (1994, p. 29) expõem algumas dessas características que transformam o periódico científico em um canal de divulgação da Ciência único são elas:

- a) título comum;
- b) publicada a intervalos regulares;
- c) intenção de continuidade infinita;
- d) artigos assinados e avaliados resultantes da pesquisa científica e de toda atividade de investigação;

- e) um plano definido;
- f) a responsabilidade de um editor.

Responsável pela veiculação de pesquisas, o periódico científico tem um público restrito a ser atingido. Embora, o seu acesso deva ser amplo e facilitado, o direcionamento atribuído pelos seus editores é voltado para uma parcela específica da população. Através das contribuições advindas dessa comunidade, a Ciência se mantém em constante processo de atualização e de trocas entre os cientistas.

É sabido que o artigo publicado em revistas científicas é, atualmente, a forma mais utilizada pelos pesquisadores para a publicação de seus trabalhos não só pela sua eficiência e eficácia, mas também pelo fato dele ser, dentre os canais de comunicação científica, o veículo “escolhido” para a divulgação do conhecimento registrado. Como afirma Mueller e Passos (2000, p. 19) “Por ser o veículo formal da ciência ‘autorizada’, o periódico científico é a fonte por excelência a ser consultada e citada nos trabalhos científicos.” Comunicar os resultados de pesquisa – através desses veículos de disseminação do conhecimento – é uma prática que permeia o processo de construção do saber e de evolução da ciência na medida em que formaliza o saber produzido pela comunidade científica.

Indubitavelmente, é através da publicação dos resultados de pesquisa que autores/pesquisadores garantem, não só a primazia ou propriedade pelo novo conhecimento, mas também e, principalmente, contribuem para a interação dos conteúdos de estudo da área com a sociedade. “O autor, ao publicar o resultado de suas pesquisas, fomenta novas reflexões, interpretações e contribui para o avanço da ciência.” (PAVAN, 2008, p. 43)

De acordo com Cortês (2006, p. 46) dentre os benefícios do uso das publicações impressas para a divulgação da Ciência estão:

- a) facilidade de reprodução do texto original, permitindo sua distribuição e utilização em diversos locais;
- b) redução dos custos de difusão;
- c) alta possibilidade de retenção e documentação por parte do receptor (o texto impresso, quando bem cuidado, pode ser utilizado por décadas ou mesmo centenas de anos);
- d) facilidade de comparação de idéias e da evolução do conhecimento sobre determinados temas;
- e) eliminação quase total da ocorrência de distorções e acréscimos de interpretações pessoais ao longo da cadeia de difusão do conhecimento;

- f) níveis bem mais elevados de difusão do conhecimento, atingindo um número maior de pessoas e locais geograficamente distantes;
- g) aumento significativo da velocidade de difusão;
- h) criação de jornais e revistas científicas, incrementando a troca de
- i) idéias e incentivando o debate.

O periódico científico tem como suas principais funções legitimar e propagar a produção dos pesquisadores, possibilitando que eles alcancem reconhecimento dentro da comunidade científica de sua área.

O aceite das novas teorias e interpretações propostas pelos cientistas passa, inevitavelmente, pela publicação de seus resultados de pesquisa através de veículos apropriados para a divulgação formal da Ciência. De acordo com Kuhn (1997, p. 210) [. . .] as soluções que o satisfazem [cientista] não podem ser meramente pessoais, mas devem ser aceitas por muitos.” Para desempenhar essas atribuições de forma satisfatória, o periódico deve apresentar critérios rigorosos de qualidade para manter-se ilibado em seu papel de comunicar a ciência, de proteger legalmente os direitos dos autores e de arquivar a produção da comunidade científica.

Dentre esse critérios destaca-se a existência de um corpo editorial composto por representantes renomados e de reputação inquestionável da área e a avaliação pelos pares nos trabalhos recebidos para a submissão.

Além disso, como salienta Stumpf (2003, p. 26): “[. . .] avaliando as revistas estamos avaliando a própria área em que elas são produzidas.” A avaliação de uma revista não é uma tarefa fácil. Mensurar os critérios que contribuem, ou não, com a qualidade de um periódico científico é uma atividade que envolve a definição de alguns pontos comuns entre as revistas, para garantir uma avaliação isenta e justa. Gonçalves, Ramos e Castro (2006) dividem esses critérios de qualidade entre formais e de conteúdo. Dentre os aspectos formais ressalta-se:

- a) periodicidade e pontualidade na publicação do periódico. De acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), as revistas científicas devem ter como periodicidade mínima a semestralidade. Indubitavelmente, a adoção de uma periodização mais freqüente incute maior responsabilidade no cumprimento dos prazos, pois de nada adianta ser mensal se os volumes saem sempre com atraso;

- b) duração da revista: tempo no qual ela manteve-se constante e sob o mesmo título (evitando assim, a falha na identificação do periódico pela comunidade científica) evidencia a “[. . .] tradição e êxito na manutenção da publicação, uma vez que títulos recentes têm maior tendência à descontinuidade.” (p. 175);
- c) normatização: com o intuito de facilitar o acesso e o uso das informações contidas nos periódicos, é imprescindível a adoção de regras editoriais claras. Dispô-las aos autores em uma seção específica, auxilia na formatação dos artigos submetidos;
- d) trabalho editorial: revisar a normatização dos artigos submetidos pelos autores, bem como conferir o estilo e a linguagem por eles utilizada, é uma tarefa a ser desempenhada pela comissão editorial. Observar se as contribuições estão de acordo com o escopo e com a proposta da revista é uma forma de garantir uniformidade aos resultados publicados;
- e) difusão e indexação: é necessário, para a sobrevivência e expansão da revista, que a mesma esteja visível e acessível para a comunidade científica, aumentando a possibilidade de que os artigos nela publicados sejam recuperados, lidos e citados. Quanto maior e mais eficiente for a visibilidade, maiores serão as chances do periódico contar com contribuições mais representativas que elevarão a qualidade da publicação, corroborando o processo de retroalimentação científica.
A indexação da revista em índices nacionais e internacionais, além da sua disponibilização completa em bibliotecas ou na Web contribui para a consolidação do periódico ante seu público potencial;
- f) endogenia: o periódico deve se propor a ser um veículo de disseminação da informação aberto. Ou seja, aceitar contribuições de diversos países e instituições, para afastar a possibilidade de tornar-se apenas um projetor das idéias de um grupo fechado de pesquisadores;
- g) indicadores bibliométricos: o estudo bibliométrico de características da publicação, como, por exemplo, a medição do Fator de Impacto, contribui para a avaliação de desempenho do periódico.

Ainda de acordo com Gonçalves, Ramos e Castro (2006) os critérios de conteúdo são:

- a) caráter científico: a revista deve ser fiel à sua temática, ou seja, deve preocupar-se com a publicação e prospecção de artigos que estejam contemplados no escopo do periódico. Além disso, os artigos publicados devem ser, em sua maioria, resultados de investigações originais, “[. . .] evitando-se a inclusão excessiva de seções de menor impacto científico, como: notícias, resenhas, traduções, etc.” (p. 177);
- b) revisão pelos pares: a importância da revisão pelos pares é corroborada pela afirmação de Meadows (1999) de que o conhecimento apenas se torna científico, incorporando-se ao arcabouço da ciência, quando é revisado e aceito pela comunidade científica. Dessa forma, a existência da arbitragem no processo de seleção dos artigos é imprescindível para garantir a qualidade do conteúdo publicado. Os critérios defendidos pelo corpo de especialistas que realizam a revisão devem estar disponíveis para os autores;
- c) corpo editorial: a qualificação do corpo editorial, que deve ser composto por pesquisadores experientes e especialistas da área, contribui para a consolidação da revista ante a comunidade científica.

A adoção dos critérios acima mencionados garante ao periódico maior respeitabilidade e, por conseguinte, maior penetração na sociedade científica. Um dos maiores temores que rondam o nascimento de uma revista científica é a famigerada “síndrome dos três fascículos” (MUELLER, 1999), na qual o periódico sucumbe as dificuldades, sejam elas impostas pela falta de aporte financeiro, ou ocasionadas por qualquer outro fator inerente ao processo de publicação.

Em seu estudo sobre as revistas científicas de Comunicação no Brasil, Romancini (2004) constata que a taxa de mortalidade entre os periódicos da área é bastante alta, cerca de um terço não ultrapassa a barreira dos cinco anos de existência. Stumpf (1998) levanta algumas variáveis que influenciam e/ou determinam o elevado índice de mortalidade entre os periódicos científicos do país.

Dentre eles estariam: a falta de contribuições qualificadas (há uma notória preferência dos autores em submeter seus artigos a revistas internacionais), a insuficiência de recursos e incentivos financeiros (para produzir e distribuir a publicação) e a falta de padronização e normatização que dificulta a inserção dessas revistas em bases de dados internacionais e resulta na falta de visibilidade desses periódicos entre a comunidade científica.

2.4 AUTOR E AUTORIA

Expressar-se livremente sobre assuntos como religião e monarquia, durante a Idade Média, era uma atitude temerária. De acordo com Foucault (1997) o conceito de autor, como entende-se na atualidade, surgiu exatamente nesse ensejo, quando publicar tornou-se algo perigoso.

O texto com autoria confere autenticidade e distinção ao discurso, pois através de um nome podemos “reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, selecioná-los, opô-los a outros textos.” (FOUCAULT, 1997, p. 44-45).

Não raro, a autoria de um produto editorial conta com mais de um indivíduo assumindo o papel de autor. Targino (2005) menciona que, ao incorporar ou alterar partes dos textos que estavam transcrevendo, monges copistas e escribas foram os primeiros co-autores de que se tem notícia.

A partir dos séculos XVIII e XIX, com o advento da imprensa tipográfica, há uma sensível modificação no conceito de autoria. O autor passa a ser visto como um “produtor para o mercado” e suas publicações são recebidas como mercadorias. (TARGINO, 2005, p. 2).

A faceta positiva dessa mudança está no fato de que a profissão escritor/autor começa a se estabelecer a possibilidade de viver à custa da produção literária e/ou científica gera demandas que salvaguardam os direitos de autores e de editores. Entre elas, destaca-se a necessidade de proteger a propriedade intelectual a partir do estabelecimento de uma legislação.

Ser autor, a partir do século XIX, é uma representação máxima de individualidade e projeção pessoal.

Nesse sentido, o autor representa “[. . .] a realização do projeto da modernidade por meio da unicidade do sujeito e da sua obra, da sua unidade estilística, da sua coerência conceitual e até mesmo por sua originalidade.” (ANTONIO, 1998, p. 92).

Autores como Targino (2005) e Barthes (1998) acreditam que cada autor difunde suas idéias com base em preceitos e pré-conceitos individuais. A ciência com neutra, original e despida de ideologias é humanamente impossível de ser produzida.

[. . .] um texto não é feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico (que seria a “mensagem” do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura [. . .] O escritor só pode imitar um gesto sempre anterior, jamais original [. . .] (BARTHES, 1998, p. 68-69).

Antonio (1998) afirma que o papel do autor sobrevive em sua atividade e função, mesmo com diversas alterações de meios (impresso e digital), de métodos, de paradigmas entre outras mudanças que ocorreram no meio científico. O conceito de autoria vem se modificando, ou melhor, se adaptando com o passar do tempo. Antigamente, o mais comum era o texto fruto do estudo individual. A autoria se configurava, seja nas artes ou na ciência, como uma atividade a ser desenvolvida de maneira solitária.

Com o aumento da produção científica e com a facilidade de acesso a um número significativo de informações antes inimagináveis, a possibilidade de saber mais e melhor sobre o trabalho do outro incentiva a criação de uma espécie de rede de contribuições.

Independentemente do tipo de canal (formal ou informal), a oportunidade de permutar conhecimentos estimula a produção coletiva. Meadows (1999) afirma que o tempo e o esforço despendido para a confecção de um artigo em colaboração é expressivamente inferior ao gasto para produzir individualmente.

A Ciência (como já afirmado anteriormente) é cíclica, cumulativa e seu crescimento depende das revoluções científicas que alteram os paradigmas que a norteiam.

Como aponta Dixon (1976, p. 28), “[. . .] a ciência é uma matéria evolutiva, uma atividade maciça e intrincadamente interdependente, que deve seu sucesso à honestidade e imparcialidade de seus praticantes em compararem e conferirem seu trabalho.” Sendo assim, ela exige que todo o novo conhecimento incorporado seja previamente avaliado e aceito pelos pares, para a manutenção do padrão de qualidade institucionalizado. Targino (2005, p. 2-3) afirma que o

[. . .] autor, enquanto elemento essencial ao processo de corroboração ou refutação de hipóteses e teorias, sob o olhar vigilante dos pares, porquanto, como difundido na comunidade científica, o verdadeiro pesquisador é quem nutre o interesse permanente em contestar o trabalho do vizinho.

A afirmativa da autora tem respaldo nos escritos de Ziman (1968). Ele afirma que nenhum autor percorre todas as fases da trajetória que compõem a construção do conhecimento sozinho. Embora exista essa divisão no trabalho científico, que só agrega valor às descobertas científicas, os autores agem “[. . .] dividindo seu trabalho, mas verificando zelosa e invejosamente as contribuições uns dos outros.”

A produção de trabalhos em co-autoria aumenta consideravelmente, durante o pós II Guerra Mundial (MEADOWS, 1999). O período da Guerra Fria foi muito propício para a escrita em co-autoria, pois os investimentos foram maciços, mas direcionados e racionalizados para a construção de laboratórios e prospecção de materiais. Isso sem contar com a reunião propositada dos melhores cientistas em diversas áreas do saber em um trabalho interdisciplinar e orientado para a corrida armamentista e espacial protagonizadas pela antiga União Soviética e pelos Estados Unidos.

Em virtude do crescimento da interdisciplinaridade na Ciência, o número de artigos produzidos em co-autoria tem aumentado bastante, mas não de maneira uniforme em todas as áreas do saber.

As ciências duras utilizam a autoria coletiva com maior frequência do que as ciências sociais e humanidades. Meadows (1999, p. 110) corrobora essa afirmativa quando disponibiliza dados sobre a presença de co-autoria nas áreas de Química (83%), Biologia (70%), Física (67%), Matemática (15%) e História (4%).

No Brasil, Camargo (1997) confirma essa tendência ao citar o resultado de alguns trabalhos feitos na década de oitenta para verificar como se constituía a autoria nessas áreas. No estudo de Campos e Carvalho (1981) com docentes da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, a autoria múltipla representa 96% do total de publicações naquela época. As autoras também descrevem o trabalho de Robinson (1989), com a produção científica de pesquisadores da física, comprovando que a maioria (80,83%) publica com outros autores.

Em contrapartida, mesmo com essa notória e crescente tendência de publicação conjunta, as ciências sociais e humanidades ainda têm como *modus operandis* a autoria individual.

Dixon (1976, p. 28) aponta que um “[. . .] gênio científico pode ter seus lampejos de inspiração enquanto a sós mas, se deseja ser um cientista efetivo, deve ser parte integrante da comunidade da ciência, e não se afastar dela.” O número de trabalhos que se propõem a estudar a autoria e co-autoria em periódicos científicos tem aumentado substancialmente. O interesse, por parte da comunidade científica, em caracterizar seus autores e evidenciar com estão se dando às relações entre eles é resultado da tendência colaborativa e social como afirma Dixon (1976).

A seguir, alguns desses estudos são descritos com o intuito de fundamentar o presente estudo.

- a) Bohn (2000) discute questões acerca de autores e da autoria dos periódicos brasileiros de Ciência da Informação. A amostra estuda 86 artigos com 1528 referências bibliográficas, publicados no ano de 2001 nas seguintes revistas da área: Ciência da Informação, Encontros Bibli, Datagramazero e Informação & Sociedade: estudos. Verifica características como: titulação, função desempenhada, modalidade de autoria, idioma de publicação dos textos, gênero dos autores e etc.;
- b) Lorenzo *et al.* (2003) caracterizam a Revista Espanhola de Saúde Pública entre os anos de 1991 e 2000. Preocupam-se em traçar um perfil da autoria que publicou no periódico. Para tanto, utilizam-se de 290 trabalhos originais, objetivando verificar o gênero das autorias, sua distribuição geográfica e procedência institucional. Utilizam a Lei de Lotka para mensurar a produtividade dos autores;

- c) Mueller e Pecegueiro (2001) verificam as características do periódico *Ciência da Informação* no período de 1990 a 1999. Analisam a distribuição das temáticas dos artigos publicados, a modalidade da autoria, bem como mensuram a produtividade dos autores;
- d) Silva, Breda e Menezes (2005) caracterizam parte da produção científica difundida na *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação* compreendendo o período de 1996 a 2003. Verificam características da revista tais como: estrutura, autores, artigos, temáticas e evolução e desenvolvimento do periódico como veículo de disseminação da produção científica na área de Ciência da Informação;
- e) Weiss e Qiu (2008) analisam os 75 anos de história do periódico *Journal Risk and Insurance*. O período estudado compreende os anos de 1932 a 2006. Com uma abordagem estatística os autores mensuram o número de artigos publicados, suas orientações metodológicas, se são teóricos ou resultados de pesquisas empíricas, o número de autores por artigo, bem como suas afiliações institucionais (indústria ou academia) e como eles se distribuem geograficamente no território mundial.

2.5 MÉTODOS QUANTITATIVOS PARA A ANÁLISE DA CIÊNCIA: A BIBLIOMETRIA E A CIENTOMETRIA

De acordo com os estudos de Fonseca (1973) o termo bibliometria é mencionado pela primeira vez na literatura por Paul Otlet em seu livro “*Traité de Documentation*” em 1934 e se populariza em 1969, quando Pritchard publica o artigo “*Bibliografia Estatística ou Bibliometria*”. Essa disciplina é definida como sendo o

[. . .] estudo dos aspectos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação registrada. A bibliometria desenvolve padrões e modelos matemáticos para medir esses processos, usando seus resultados para elaborar previsões e apoiar tomadas de decisão. (TAGUE-SUTCLIFFE, 1992¹, p. 1-3 *apud* MACIAS-CHAPULA, 1998, p. 134).

¹ TAGUE-SUTCLIFFE, J. An introduction to informetrics. **Information Processing & Management**, v. 28, n. 1, p. 1-3, 1992.

A bibliometria, união do grego *biblion* (livro) com os termos em latim *metricus* e em grego *metrikos* (medição, mensuração), busca – através de métodos quantificáveis – traçar um perfil de produção do conhecimento registrado. Ela se caracteriza por ser “[. . .] um meio de situar a produção de um país em relação ao mundo, uma instituição em relação a seu país e, até mesmo, cientistas em relação às suas próprias comunidades.” (MACIAS-CHAPULA, 1998, p. 135).

A bibliometria surge, no Brasil, em meados dos anos 70, estimulada pelo primeiro curso de mestrado em Ciência da Informação promovido pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), hoje Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (IBICT). (ARAÚJO, 2006).

Tendo como seus principais objetos de estudo autores, livros e periódicos, a bibliometria conta com algumas leis que a embasam são elas: a Lei de Lotka (1926), a Lei de Bradford (1934) e a Lei de Zipf (1949). Na presente investigação, vamos nos ater apenas na descrição da Lei de Lotka, pois é ela que possibilita a mensuração da produtividade dos autores, foco do nosso trabalho.

Formulada em 1926, a Lei de Lotka teve como base um estudo que utilizou a contagem de autores presentes no Chemical Abstracts no período de 1909 e 1916 e no Auerbach's Geschichtstafeln der Physik entre 1900 e 1910. Nessa oportunidade, Lotka mede a produtividade de pesquisadores e constata que “[. . .] uma larga proporção da literatura científica é produzida por um pequeno número de autores, e um grande número de pequenos produtores se iguala, em produção, ao reduzido número de grandes produtores.” (ARAÚJO, 2006, p. 13).

Urbizagástegui Alvarado (2002, p. 14) descreve a definição feita por Lotka em 1926, estabelecendo os fundamentos da Lei do Quadro Inverso: “[. . .] o número de autores que fazem n contribuições em um determinado campo científico é aproximadamente $1/n^2$ daqueles que fazem uma única contribuição e que a proporção daqueles que fazem uma única contribuição é de mais ou menos 60%.”

Embora muitas críticas sejam feitas à lei, ela ainda se configura como um método relevante para medir a produção científica de pesquisadores. Meadows (1999, p. 88) afirma que “[. . .] se for uma questão de produção de informação, o método original de Lotka será apropriado.” A utilização da Lei de Lotka para a avaliação da produtividade de autores é amplamente difundida e aplicada.

Em alguns contextos de estudo, que exigem maior especificidade e precisão nos resultados, a busca pelos chamados “graus de ajuste” (valor do expoente de cálculo) é uma maneira de adequar a lei a um grupo restrito de sujeitos. Conforme nos salienta Urbizagástegui Alvarado (2002, p. 14),

[. . .] muitos estudos têm sido conduzidos para investigar a produtividade dos autores em distintas disciplinas. Até dezembro de 2000, mais de 200 trabalhos, entre artigos, monografias, capítulos de livro, comunicações a congressos e literatura gris (cinzenta) tinham sido produzidos tentando criticar, replicar e/ou reformular esta lei bibliométrica.

É importante destacar os aperfeiçoamentos realizados na lei e os resultados deles advindos. Destaca-se o trabalho de Urbizagástegui Alvarado, intitulado “A Lei de Lotka: o modelo lagrangiano de poisson aplicado à produtividade de autores”. Esse artigo foi publicado em 2003 e descreve a natureza da distribuição Lagrangiana de Poisson, propondo um grau de ajuste à lei. O estudo se utiliza dos dados coletados por Targino e Caldeira (1988) a respeito da produtividade dos docentes da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Outra maneira de aprimorar o uso da Lei de Lotka é utilizá-la em conjunto com um método qualitativo que evidencie fatos e dados que extrapolam a análise estatística.

Estudos que procuram quantificar a produção, disseminação e uso da ciência se propagaram de forma ainda mais rápida, devido principalmente à proliferação da literatura científica e com o crescimento no número de cientistas (aumento na criação e na oferta de cursos de pós-graduação). De acordo com Vanti (2002, p. 153) é nesse contexto que surge a cientometria² “[. . .] antiga União Soviética e na Europa Oriental e foi empregado especialmente na Hungria. Em 1977, o termo adquire ampla notoriedade com o início da publicação da revista *Scientometrics* ocorrida na Hungria. (VANTI, 2002).

² Nessa investigação assim grafada, em detrimento da grafia cientometria utilizada em grande parte da literatura encontrada, com base na origem latina do termo *scientia*.

O autor Tague-Sutcliffe (1992)³ citado por Macias-Chapula (1998, p. 134) assim conceitua cientometria

[. . .] é o estudo dos aspectos quantitativos da ciência enquanto uma disciplina ou atividade econômica. A cientometria é um segmento da Sociologia da Ciência, sendo aplicada no desenvolvimento de políticas científicas. Envolve estudos quantitativos das atividades científicas, incluindo a publicação e, portanto, sobrepondo-se à Bibliometria.

A cientometria utiliza-se de técnicas bibliométricas para aferir, mensurar e avaliar, não só a produção, mas também a estrutura e o desenvolvimento de determinado campo da ciência. Ao contrário da bibliometria que se caracteriza apenas pelo emprego de técnicas quantitativas, a cientometria utiliza-se tanto das ciências exatas quanto das ciências humanas e sociais.

No presente trabalho não será aprofundado os conceitos de Informetria e de Webometria, uma vez que ele se utiliza somente dos preceitos e leis da Bibliometria (estudo de publicações impressas) e da Cientometria (estudo da comunicação formal).

³ TAGUE-SUTCLIFFE, J. An introduction to informetrics. **Information Processing & Management**, v. 28, n. 1, p. 1-3, 1992.

3 METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma investigação bibliométrica descritiva que verifica de maneira empírica as características das autorias dos trabalhos publicados na Intercom – RBCC e na revista Comunicação & Sociedade .

Assim, descreve-se neste capítulo os procedimentos metodológicos adotados para alcançar os objetivos propostos.

3.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de uma investigação exploratória com abordagem quantitativa que utiliza-se de método bibliométrico para aferir a produtividade dos autores. De acordo com Dencker e Da Viá (2002, p. 59), essa modalidade de estudo

[. . .] aumenta a familiaridade do pesquisador com o fenômeno ou com o ambiente que pretende investigar, servindo de base para uma pesquisa futura mais precisa [. . .] as descrições, nesse caso, tanto podem ser qualitativas quanto quantitativas. Os métodos de coleta de dados também podem variar da pesquisa bibliográfica e documental ao uso de questionário [. . .] estes estudos não necessitam de amostragem [. . .].

A pesquisa buscou conhecer e comparar as características e tendências da autoria das duas mais antigas revistas científicas da área de Comunicação ainda em atividade no país. Em se tratando de um estudo inicial acerca da autoria, essa primeira etapa poderá servir como base de sustentação para outras investigações mais aprofundadas e com outras orientações metodológicas.

3.2 OBJETOS DE ESTUDO

Foram escolhidos como objeto de estudo dois periódicos que contribuem para a disseminação a produção intelectual das Ciências da Comunicação entre seus pares. São eles:

3.2.1 Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação

A revista, como concebida atualmente, é fruto do aprimoramento e da iniciativa de ampliar o alcance e as funções do antigo Boletim Intercom. O periódico apresentava periodicidade bimestral e, entre suas diversas atribuições, estava a de noticiar eventos, congressos e até mesmo obituários de personalidades do campo da Comunicação. Essa primeira fase compreende os anos de 1977 a 1983 e apresenta caráter mais informativo do que científico e tem como principal intuito firmar tanto a imagem, quanto as atribuições da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação perante seus pares. A publicação mantinha ainda um espaço para a divulgação de artigos científicos, embora em pequeno número, de autores nacionais e internacionais.

Ao ingressar em sua segunda fase (1984-1997), na qual muda sua titulação de Boletim Intercom para Intercom – Revista Brasileira de Comunicação, a publicação adquire maior rigor e virtualidade no que tange aos aspectos formais e de avaliação pelos pares. A revista aumenta, de forma significativa, o espaço dedicado para a veiculação de artigos científicos, contribuindo para uma maior visibilidade da produção acadêmica da área de Comunicação. Essas mudanças conferiram formato e estrutura de periódico científico à revista.

No ano de 1998, o periódico apresenta novas modificações em sua identidade visual, bem como em seu título que passa a ser Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, consolidando-se como revista científica e de projeção internacional.

A seguir o quadro com os diretores que estiveram à frente da revista a partir de 1993, data que marca a criação desse cargo pelo periódico.

José Marques de Melo	1993-1995 (nº 1)
José Benedito Pinho	1995 (nº 2) -1997
José Marques de Melo	1998-2005
José Benedito Pinho	2006-

Quadro 2 – Os Diretores da Revista Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação

Fonte: dados da pesquisa

Abaixo o quadro com os editores que estiveram à frente da revista desde a sua criação até os dias atuais.

José Marques de Melo	1985-1993
César Ricardo Bolaño	1994-1995 (nº1)
Adolpho Carlos Françoso Queiroz	1995 (nº2) -1997
José Benedito Pinho	1998-1999
Sônia Virgínia Moreira	2000-2002
Joëlle Rouchou	2003
Carlos Alexandre de Carvalho Moreno	2004
Sônia Virgínia Moreira Aníbal Bragança	2005
Cicília M. Krohling Peruzzo Edgard Rebouças	2006-

Quadro 3 – Os Editores da Revista Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação

Fonte: dados da pesquisa

A seguir dados descritivos da revista:

Título atual: Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação

Entidade Publicadora: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom)

Local: São Paulo, SP

Início da Publicação: 1984

ISSN versão impressa: 0102-6453 (fascículos até jan./jun. 2006, v. 29, n.1)

1809-5844 (a partir do fascículo de v. 29, n. 2 - jul./dez. 2006)

ISSN eletrônico: 1980-3508

Periodicidade: semestral

Idiomas: multilíngüe

Seções: artigos, comunicações científicas, ensaios, entrevista, comentários, resenhas, noticiário.

Formato: impresso e eletrônico (edições completas disponíveis a partir de 2000).

Nota: teve como precursor o Boletim Intercom

Fascículos Analisados: 46 volumes

Seções Analisadas: artigos, comunicações científicas e ensaios

Período de Análise: 1985-2007

3.2.2 Comunicação & Sociedade

Criada em Julho de 1979, a revista *Comunicação & Sociedade*, apresenta temas, fatos e pesquisas vinculadas à área da Comunicação. Serve como vitrine para a produção do Grupo de São Bernardo do Campo, como aglutinadora dos pesquisadores da Escola Latino-Americana de Comunicação e como partícipe na consolidação da Ciência da Comunicação no Brasil. (KUNSCH, 2003). Teve sua identidade moldada na interação entre docentes e discentes, bem como pelos momentos históricos pelos quais o país passou. De acordo com Melo (1979⁴ *apud* Kunsch, 2003, p. 147) os pilares que sustentaram sua criação, seu prestígio e sua continuidade:

- a) interdisciplinaridade: intersecção e complementação entre acadêmicos de diversas áreas;
- b) opção não endógena: evita sua transformação em correias de transmissão de guetos a que estão vinculados;
- c) pluralidade: colaboração externa e incentivo a pesquisadores iniciantes.

A revista tem como proposta desenvolver temas nacionais, pesquisa e debates acerca do campo da Comunicação. José Marques de Melo (1979, p. 3), no Editorial do primeiro volume, destaca que a revista busca uma “[. . .] consciência brasileira de Comunicação Social sem jamais ignorar o entorno e desconsiderar aspectos e acontecimentos de âmbito internacional.”

A revista *Comunicação & Sociedade* passa por três períodos desde a sua criação até os dias atuais. Essas fases refletem também os momentos vivenciados pelo PósCom, ajudando-o a projetar-se nacional e internacionalmente.

A revista foi lançada em 1979 com a parceria da Cortez Editora. Três anos mais tarde ela passa a contar com o apoio do CNPq. (MELO, 1999).

⁴ Informação oral concedida pelo Prof^o José Marques de Melo em entrevista pessoal.

Em sua primeira fase, que compreende o período de 1979 a 1985, a publicação conta com o total apoio da Instituição que a idealizou e, em função disso, garante sua periodicidade semestral. Além disso, tenta manter o padrão científico em elevados níveis de exigência tanto em relação à forma, quanto ao conteúdo dos textos nela veiculados. A revista teve como base fundadora o “[. . .] projeto acadêmico do então reitor, Prof. Dr. B. P. Bittencourt. Sua meta educacional era conquistar o status de universidade para a Federação de Escolas de Ensino Superior instalada em Rudge Ramos.” (MELO, 1999, p. 171).

Na segunda fase de Comunicação & Sociedade (1986-1993), muitas barreiras surgem dificultando sua manutenção. A revista torna-se anual, apresentando interrupções nos anos 1988, 1990 e 1992. No que diz respeito a substituição do reitor ela “[. . .] repercute seriamente na qualidade do ensino, reduzindo-se o apoio institucional à pesquisa, à pós-graduação e conseqüentemente às revisas científicas.” (MELO, 1999, p. 171).

No ano de 1993, a cúpula da Igreja Metodista decidiu retomar o projeto da transformação da federação em universidade e com isso “[. . .] a reitoria voltou a investir na pós-graduação. As revistas científicas converteram-se em peças-chave no processo de credenciamento da Universidade, que passaria a ser conhecida pela sigla UMESP.” (MELO, 1999, p. 171). Nos anos que se seguiram a revista consagrou-se como uma das mais importantes da área, garantindo a periodicidade semestral ininterrupta e a cuidadosa avaliação pelos pares, atingindo alto índice de qualidade no que se refere aos trabalhos nela publicados.

Na seqüência, os quadros com os diretores e editores que estiveram à frente da revista desde a sua criação até os dias atuais.

José Marques de Melo	1979-1984
Onésimo de Oliveira Cardoso	1985-1993
José Marques de Melo	1994 -

Quadro 4 – Os Diretores da Revista Comunicação & Sociedade
Fonte: dados da pesquisa

Jaci Corrêa Maraschin	1979-1982
Carlos Eduardo Lins da Silva	1983-1984
Wilson da Costa Bueno	1985-1993
Onésimo de Oliveira Cardoso	1994-1995
Sandra Reimão	1996-1999
Adolpho Carlos Françoso Queiroz	2000 -

Quadro 5 – Os Editores da Revista Comunicação & Sociedade
Fonte: dados da pesquisa

A seguir dados descritivos da revista:

Título atual: Revista Comunicação & Sociedade

Entidade Publicadora: Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Local: São Bernardo do Campo, SP

Início da Publicação: 1979

ISSN: 0101-2657

Periodicidade: semestral

Idiomas: multilíngüe

Seções: artigos, dossiês, resenhas, registros, documentação, memória, noticiário. Formato: impresso

Fascículos Analisados: 48 volumes

Seções Analisadas: de 1979-1999 toda e qualquer contribuição que contivesse referências, pois a revista ainda não apresentava seções definidas e de 2000-2007 a análise centrou-se nos artigos e dossiês.

Período de Análise: 1979-1987; 1989; 1991; 1993-2007.⁵

3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Foram analisadas as seguintes seções da revista Intercom – RBCC: Artigos, Comunicações Científicas, Relatos de Pesquisas e Ensaios.

⁵ A revista teve sua periodicidade interrompida nos respectivos anos (1988, 1990 e 1992).

A revista Comunicação & Sociedade não apresentava, nos primórdios de sua existência, uma separação por seções, mas sim por temáticas (1979-1999). Somente a partir do ano 2000, a revista manteve as seções Artigos e Dossiê de maneira constante. Dessa forma, cada trabalho anterior a essa data foi analisado de forma individualizada e incluído no corpus com base no seguinte critério: deveria apresentar referências (ou ao final do trabalho, ou em nota de rodapé).

Com base nos critérios estabelecidos, foram encontrados 289 artigos na Intercom – RBCC, e 394 artigos na revista Comunicação & Sociedade. Deles foram analisadas as autorias, as co-autorias e identificadas suas características.

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O Instrumento de Coleta de Dados se constitui em uma planilha eletrônica contendo as variáveis escolhidas para caracterizar a autoria de ambas as revistas. A seguir consta uma descrição da estrutura do banco de dados utilizado evidenciando as variáveis que fundamentaram a coleta de dados. Pela sua extensão horizontal, apresentamos a planilha dividida em duas partes. (ver Quadro 6).

Autor	Sexo	Titulação	Área	Onde?	Vínculo Institucional	Função Desempenhada	País de Atuação
Alfredo Vizeu	M				UFPE	Docente	Brasil
Orlando Tambosi	M				UFSC	Docente	Brasil
Ana Carolina Rocha Pessoa Temer	F	Doutora	Comunicação Social	UMES P	Universidade Federal de Goiás	Docente	Brasil
Flávia Natércia da Silva Medeiros	F	Doutora	Comunicação Social	UMES P		Jornalista	Brasil

Quadro 6 – Estrutura do banco de Dados

Fonte: Dados da pesquisa

Título	Ano	Volume	Número	Páginas	Total de Páginas	Idioma	ISSN	Seção
A comunicação segundo Paulo Freire	1979	1	1	31-39	9	por		Educação
Comunicação e educação libertadora: contradições de um modelo dependente de TVE	1979	1	1	39-49	11	por		
A experiência do esquecimento absoluto ou, talvez da ruptura	1979	1	1	71-80	10	por		Estética
Identificação social e controle ideológico na imprensa dos imigrantes alemães	1979	1	1	89-108	20	por		Jornalismo
Autoritarismo e censura no Brasil contemporâneo	1979	1	1	108-125	18	por		

Quadro 6 – Estrutura do banco de Dados (cont.)

Fonte: Dados da pesquisa

3.5 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram dispostos em software de planilha eletrônica (Excel) de modo a organizar as informações coletadas nos periódicos. De posse dos dados foram elaboradas tabelas e gráficos para possibilitar a comparação entre as variáveis estabelecidas.

Posteriormente, foi verificada a aplicação ou não da Lei de Lotka em ambos os periódicos, utilizando o software livre *Lotka*. A contagem dos autores foi completa, “[. . .] cada autor (principal e secundário) é creditado com uma contribuição [. . .].” (URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, 2002, p. 15). Com isso, o número de artigos foi artificialmente aumentado, uma vez que a cada co-autor foi atribuída uma autoria. Na presente investigação, a Lei de Lotka terá apenas a sua validade testada e não será realizado qualquer ajuste de seu expoente de cálculo. Consideramos que o estudo não requisita tamanha precisão nesse sentido, pois sua ênfase está na caracterização da autoria e não somente na medição de sua produtividade.

Quando um autor apresentou vínculo institucional com mais de uma Universidade, foi dada prioridade à primeira Universidade mencionada pelo autor.

A titulação dos autores somente foi atribuída quando constou explicitamente nas credenciais disponibilizados nos artigos analisados. Não foram consideradas informações subentendidas como, por exemplo, doutorando da USP (presume-se que esse autor tenha título de mestre). Essa opção se deve ao fato do estudo visar, entre outras variáveis, conferir a preocupação dos autores em disponibilizar informações completas referentes à sua formação. No presente estudo, a categoria “Estudantes de Graduação” apresentou três autorias coletadas na amostra. Por consideramos que estes indivíduos ainda não possuem Titulação propriamente dita, agregamos essas ocorrências à modalidade “Não Informada”.

4 RESULTADOS

Para a melhor compreensão dos resultados obtidos acerca das características e tendências da autoria da revista Intercom – RBCC e da revista Comunicação & Sociedade, optou-se pela divisão dessa seção em duas grandes partes. A primeira reúne informações que caracterizam a autoria dos periódicos e a segunda congrega as tendências que puderam ser aferidas a partir dessas características.

4.1 CARACTERÍSTICAS DA AUTORIA NAS REVISTAS

O estudo de autoria da Intercom – RBCC foi realizado com base em 289 artigos publicados entre 1985-2007, nas seguintes seções: artigos, comunicações científicas, relatos de pesquisa e ensaios. Nesses 23 anos de publicação, a revista contou com a participação de 279 autores distintos. No que tange a autoria, foco da presente pesquisa, foram detectadas 345, incluindo e contabilizando autores e co-autores de maneira igual. Ou seja, foi atribuída a cada autor e co-autor uma autoria. Sendo assim, o número de artigos foi artificialmente aumentado para 345.

A investigação acerca da autoria na revista Comunicação & Sociedade tomou como base 394 artigos publicados entre 1979-2007. Nesses 29 anos de publicação, a revista contou com a participação de 303 autores diferentes. No que concerne à autoria, foram encontradas 466, incluindo e contabilizando autores e co-autores de maneira igual. Ou seja, foi atribuída a cada autor e co-autor uma autoria. Sendo assim, o número de artigos foi artificialmente aumentado para 466.

Aqui foram reunidas as informações referentes ao gênero, a titulação, e a atividade profissional dos autores. Objetivando facilitar as análises, todas as inferências foram balizadas pelo número de autorias. Isso permitiu que se estabelecesse um perfil dos autores que publicaram nos periódicos.

4.1.1 Gênero

A revista Intercom – RBCC apresenta predominância do gênero masculino em detrimento do feminino em relação aos autores (ver Gráfico 1).

Esse resultado difere dos encontrados na pesquisa de BOHN (2003), que toma como base a análise de quatro periódicos da área de Biblioteconomia e Ciências da Informação e conclui que 63% dos autores que publicaram nesses periódicos são do gênero feminino. Isso talvez seja explicado pelo fato de que ambas as áreas acima mencionadas caracterizam-se pela predominância de profissionais do sexo feminino. No entanto, a área de Comunicação nos traz elementos que denotam uma constituição diferenciada em relação ao gênero dos autores e de seus artigos.

A revista Comunicação & Sociedade também apresenta predominância do gênero masculino em relação ao feminino (ver Gráfico 2). Com base nas 466 autorias, constata-se que os homens contribuíram com um maior número de trabalhos veiculados na revista (303 autorias são do gênero masculino).

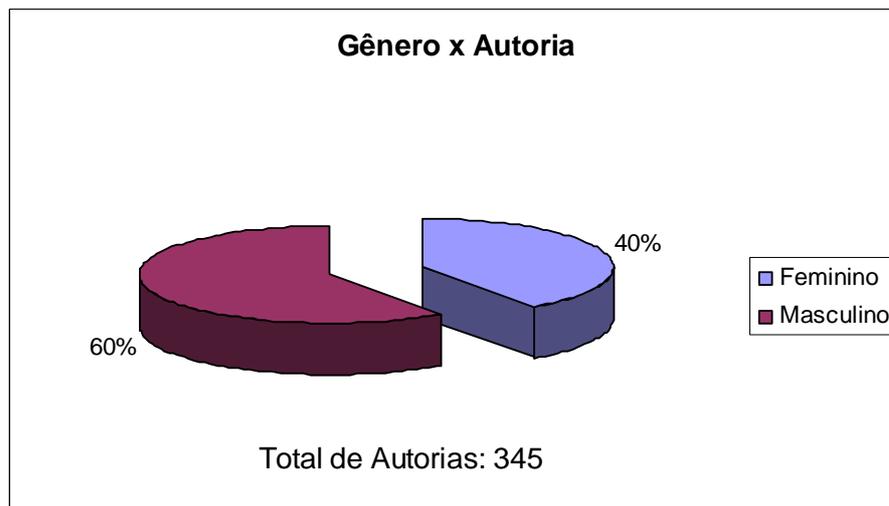


Gráfico 1 – Gênero x Autoria na Revista Intercom – RBCC

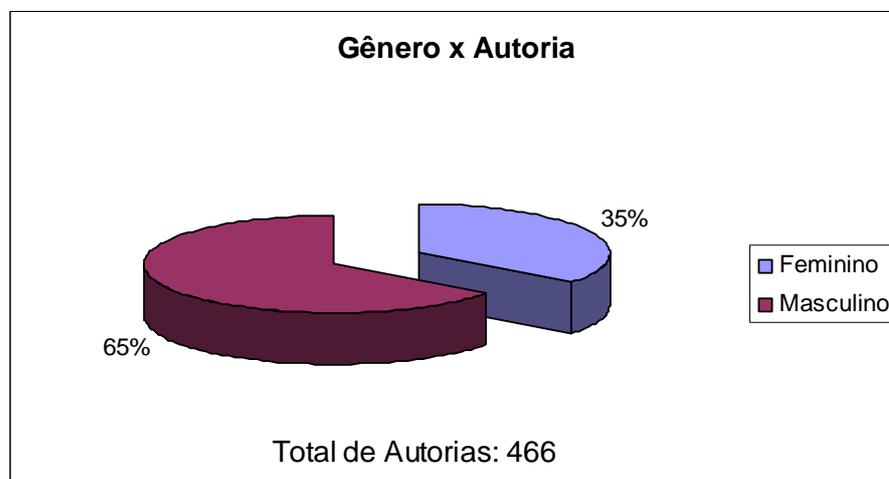


Gráfico 2 – Gênero x Autoria na Revista Comunicação & Sociedade

4.1.2 Titulação

Na Intercom – RBCC foi observado que apenas 26% (n = 90) das autorias (n = 345) disponibilizam informações completas sobre sua titulação e também informam seu vínculo institucional. Com base nesse percentual, foi possível mensurar que 67% (n = 60) obtiveram sua titulação em instituição diversa da qual trabalha. A observação da titulação das autorias na revista, constatou que 34% (n = 117) delas possuem pós-graduação (*stricto e lato-sensu*) e a sua maior parte foi conquistada em instituições nacionais. Na análise da titulação das autorias o resultado encontrado na Intercom – RBCC surpreende, não pelo número de doutores e mestres, mas sim pelo valor representativo de autores que não informam a formação acadêmica em suas credenciais. (ver Gráfico 3). É importante destacar que 17% (n = 59) das 345 autorias obtiveram sua formação máxima conquistada em instituições estrangeiras. A revista não conta com a participação de nenhum autor que possua curso de especialização como titulação máxima.

Com a Comunicação & Sociedade, o número de autorias que divulgam, tanto aspectos sobre sua titulação, quanto informação a respeito de seu vínculo institucional, foi de 47% (n = 219) de um total de 466 autorias. Com base no percentual de 47%, observou-se que 79% (n = 173) lograram seu título em instituição diferente da qual exerce sua atividade profissional.

A observação da titulação das autorias, na revista Comunicação & Sociedade, constatou que 50% (n = 233) delas possuem pós-graduação (*stricto e lato-sensu*) (ver Gráfico 4). Esse valor é aproximado ao encontrado por Bohn (2003) na área de Ciências da Informação (45,36%). A maior parte dos títulos foi obtida em instituições brasileiras. Vale mencionar que 13% (n = 61) das autorias teve a sua formação máxima conquistada em instituições estrangeiras.

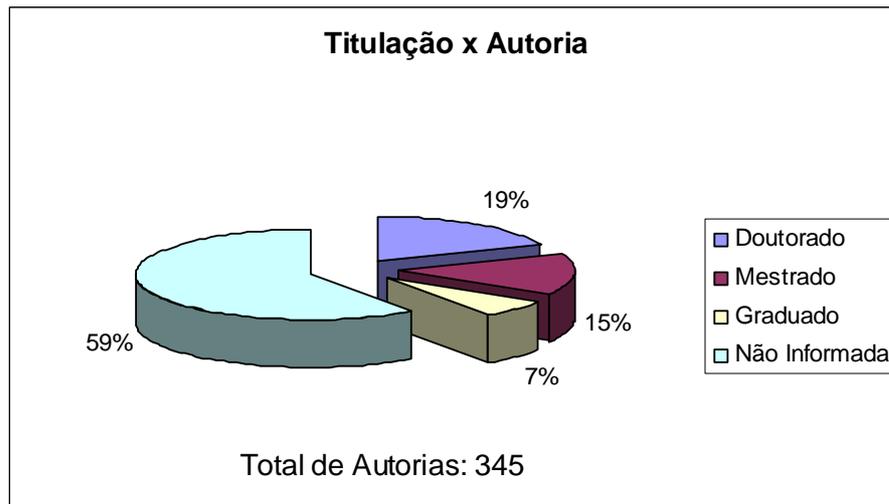


Gráfico 3 – Titulação x Autoria na Revista Intercom – RBCC

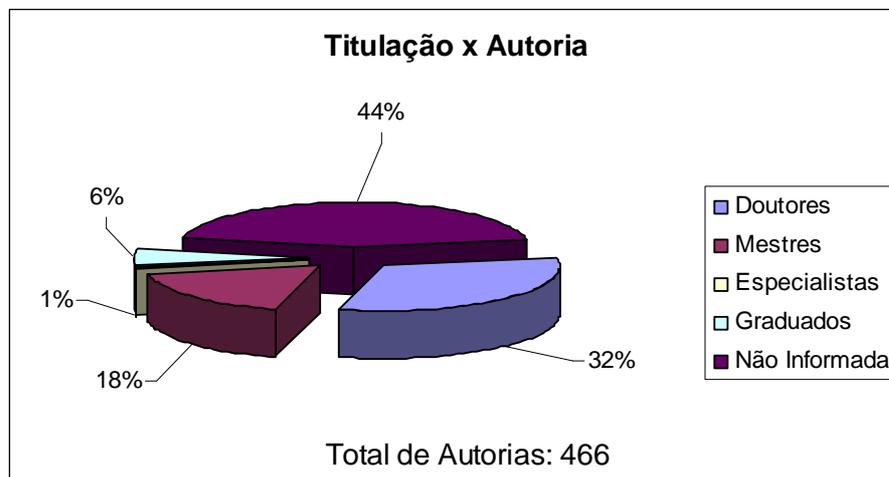


Gráfico 4 – Titulação x Autoria na Revista Comunicação & Sociedade

Ambas as revistas apresentaram um número significativo de doutores e mestres que obtiveram a sua respectiva titulação em instituições diferentes da que exercem a docência. Conforme as orientações da CAPES, é de suma importância, para a qualificação dos programas de pós-graduação, que exista no corpo docente

[. . .] diversidade de instituições de titulação da equipe Docente no sentido de evitar a "endogenia" na formação, os docentes devem preferencialmente titular-se em programas diferentes daqueles em que trabalham [. . .] no sentido de facilitar a diversificação de formações, docentes devem preferencialmente titular-se em instituições diversas entre si. (CAPES, 2007)

A orientação da CAPES acima descrita pode ser aplicada para as revistas científicas, pois a diversidade das contribuições tende a valorizar e qualificar os periódicos.

4.1.3 Atividade Profissional

Em ambas as revistas, como já era de se esperar, a maioria dos autores exerce como atividade profissional a função acadêmica. Esse dado é corroborado pelas investigações de Mueller e Pecegueiro (2001), Población (2002), Silva, Pinheiro e Menezes (2005) e Weiss e Qiu (2008). Além de terem a docência como atividade profissional, a maior parte dos autores apresenta ligação com programas de pós-graduação. Essa realidade busca explicação no fato de que as Instituições de Ensino Superior (IES) caracterizam-se como as fontes produtoras de conhecimento científico por excelência.

Para Población (2002), a predominância de professores na produção científica é resultado do projeto de qualificação do corpo docente dos cursos de Pós-Graduação. Outra importante inferência a ser feita é de que as Universidades vêm na produção científica de seus docentes a oportunidade de galgarem melhores posições nas avaliações da CAPES, uma vez que a produtividade acadêmica é um dos indicadores considerados pela agência. Aliás, não só por ela, mas também por outros órgãos de fomento à pesquisa como o CNPq e a FAPESP, entre outros. (BOHN, 2003).

No caso da Intercom – RBCC é importante comentar a contribuição advinda de estudantes de pós-graduação, mesmo que na maioria das vezes ele apareça publicando em co-autoria com docentes. A presença de estudantes, como autores e co-autores, agrega valor ao periódico, pois mostra que o mesmo mantém-se aberto para receber contribuições de indivíduos que ainda estão construindo sua formação. (ver Gráfico 5).

Na revista Comunicação & Sociedade a realidade observada segue os mesmos padrões encontrados na Intercom – RBCC e nos estudos acima citados. Contudo, a parcela de docentes é ainda mais expressiva. O curioso é que apenas 4% das autorias são de pós-graduandos, embora o periódico se diga receptivo para contribuições advindas de estudantes. (ver Gráfico 6).

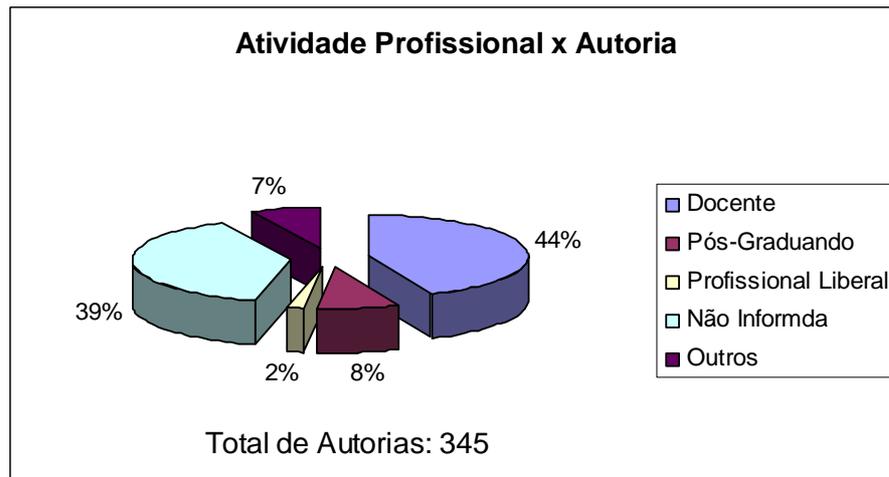


Gráfico 5 – Atividade Profissional x Autoria na Revista Intercom – RBCC



Gráfico 6 – Atividade Profissional x Autoria na Revista Comunicação & Sociedade

4.1.4 País de Atuação

Das 345 autorias encontradas na Intercom – RBCC, a sua maioria atua dentro do território nacional (66%, $n^{\circ} = 226$). No entanto, um total de 20% ($n^{\circ} = 71$) das autorias é proveniente de outros países. (ver Tabela 1).

A participação de autores estrangeiros não só qualifica a publicação, mas também confirma sua postura de periódico plural e preocupado com contribuições que explanem sobre realidades diferentes das encontradas no Brasil.

A revista Comunicação & Sociedade, que em seus objetivos fundadores propõe-se aglutinar a produção dos pesquisadores latino-americanos, mostra outra realidade.

Apenas 5% (nº = 24) das autorias são provenientes de países da América Latina e a maior parte das contribuições são brasileiras (82%, nº = 380). (ver Tabela 2).

Tabela 1 – Países de Atuação da Autoria da Intercom - RBCC

País	Nº de Contribuições	% de Contribuições
Brasil	226	66,0%
EUA	14	4,0%
México	10	3,0%
França	7	1,8%
Espanha	6	1,6%
Portugal	6	1,6%
Outros	28	8,0%
Não Informado	48	14,0%
TOTAL	345	100%

Fonte: dados da pesquisa

Tabela 2 – Países de Atuação da Autoria da Comunicação & Sociedade

País	Nº de Contribuições	% de Contribuições
Brasil	380	82,0%
EUA	13	3,0%
México	12	3,0%
Chile	8	2,0%
Argentina	5	1,0%
Bolívia	6	1,0%
Espanha	6	1,0%
Portugal	6	1,0%
Venezuela	5	1,0%
Outros	15	3,0%
Não Informado	10	2,0%
TOTAL	466	100%

Fonte: dados da pesquisa

Em ambas as revistas o percentual de contribuições advindas dos países membros da América Latina, excetuando o Brasil, é inferior ao esperado, pois tanto a Intercom – RBCC como a Comunicação & Sociedade, têm como propósito congregar cientistas pertencentes à Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC) ou a outras entidades do gênero.

4.1.5 Autores Mais Produtivos

Para a análise desse item foi identificada a Instituição de procedência das autorias, com o intuito de identificar as regiões do país a qual os autores mais produtivos desempenham suas atividades profissionais.

Na revista Intercom – RBCC os autores que obtiveram maior número de artigos publicados são representantes das seguintes regiões do país: Sul (três autores), Sudeste (dois autores) e Nordeste (2 autores). Nota-se baixa visibilidade de autores do Norte do Brasil. (ver Tabela 3). Essa informação reflete alguns fatores, dentre eles, podemos elencar: a inexistência de programas de pós-graduação na área de Comunicação na região Norte no período estudado e a já conhecida discrepância de desenvolvimento entre as diferentes regiões do país.

É inquestionável a importância das contribuições feitas por José Marques de Melo, fundador da Sociedade Interdisciplinar de Estudos da Comunicação (INTERCOM), à revista publicada pela supracitada instituição.

A notória opção não-endogênica da Intercom – RBCC expressa na sua política editorial contribui sobremaneira para um maior intercâmbio de informações entre os pesquisadores da área, além de qualificá-la ante a comunidade científica.

Por outro lado, a realidade observada no periódico Comunicação & Sociedade diverge do seu propósito exógeno, pois todos os autores mais representativos são vinculados a UMESSP. (ver Tabela 4).

Tabela 3 – Intercom - RBCC: autores mais produtivos

Autor	Instituição de Origem	Nº de Artigos Publicados	%
José Marques de Melo	UMESP/USP	8	2,3%
Antonio Albino Canelas Rubim	UFBA	5	1,5%
César Ricardo Siqueira Bolaño	UFS	5	1,5%
Eduardo Barreto Viana Meditsch	UFSC	5	1,5%
Jaques A. Wainberg	PUC/RS	5	1,5%
Sérgio Caparelli	UFRGS	5	1,5%
Marialva Barbosa	UFF	4	1,2%
Outros	-	308	89,0%
TOTAL	-	345	100%

Fonte: dados da pesquisa

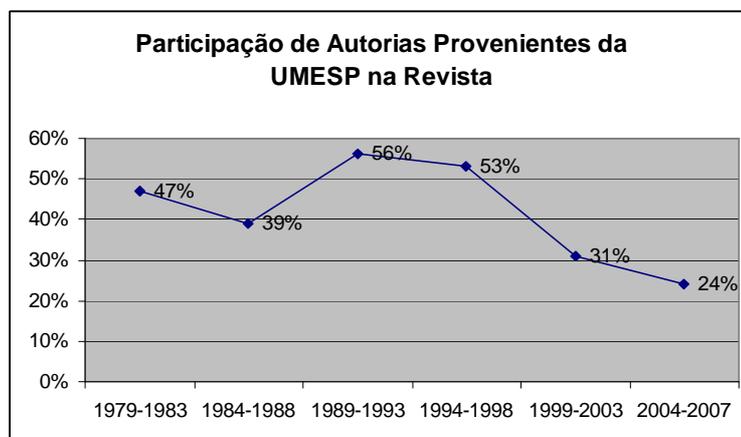
Tabela 4 – Comunicação & Sociedade: autores mais produtivos

Autor	Instituição de Origem	Nº de Artigos Publicados	%
José Marques de Melo	UMESP	22	4,7%
Onésimo de Oliveira Cardoso	UMESP	9	1,9%
Wilson da Costa Bueno	UMESP	8	1,7%
Gino Giacomini Filho	UMESP	7	1,5%
Isaac Epstein	UMESP	7	1,5%
Sandra Reimão	UMESP	7	1,5%
Outros	-	406	87,2%
TOTAL	-	466	100%

Fonte: dados da pesquisa

Todavia, mesmo com essa constatação a revista não chega a se caracterizar como endógena, pois apresenta 42% (nº = 196) das autorias vinculadas à UMESP. Considera-se, nesse estudo, revista endogênica aquelas que apresenta mais de 50% das contribuições oriundas de sua própria entidade publicadora.

Embora a pesquisa constataste que há uma predominância de autorias advindas da UMESP, a revista demonstra, ao longo dos anos, um considerável declínio nessas participações. (ver Gráfico 7). Uma das possíveis causas para essa diminuição é a cada vez mais rígida política de avaliação de periódicos da CAPES (através do sistema QUALIS). Segundo a CAPES⁶, é recomendável que a revista científica tenha cuidado na distribuição das autorias. É importante para o periódico, contar com a participação de autores nacionais e internacionais oriundos de diversas instituições que não a entidade publicadora do periódico.

**Gráfico 7** – Participação de Autorias Provenientes da UMESP

⁶ Disponível em: <
http://qualis.capes.gov.br/arquivos/avaliacao/webqualis/criterios2004_2006/Criterios_Qualis_2005_31.pdf>. Acesso em: 06 maio 2008.

4.1.6 A Produtividade da Autoria: aplicação da Lei de Lotka

Com a intenção de identificar se a Lei de Lotka se aplicava, ou não, aos periódicos estudados, observou-se o número de vezes que cada autor publicou nas revistas. Para tanto, o *software Lotkaproj* foi utilizado para verificar a aplicação da lei aos periódicos. Esse programa analisa os dados fornecidos e averigua, através da aplicação do teste χ^2 (qui-quadrado) e verifica com 1%, 5% e 10% de grau de confiança se a Lei de Lotka se comprova ou não.

O resultado bruto obtido na revista Intercom – RBCC revela que 86,3% ($n^{\circ} = 241$) dos 279 autores publicaram apenas um artigo no periódico (ver Tabela 5 e Gráfico 8). Esse “índice de transitoriedade” (ESTRADA LORENZO *et al.*, 2003) supera em 26% o proposto por Lotka na sua Lei do Quadrado Inverso. A diferença verificada entre os resultados obtidos, a partir dos dados coletados, e o parâmetro definido na Lei de Lotka não foram consideradas estatisticamente significantes. De modo que depois da inserção dos dados no *software Lotkaproj* concluiu-se que a autoria de ambas as revistas distribuem-se de acordo com a Lei de Lotka.

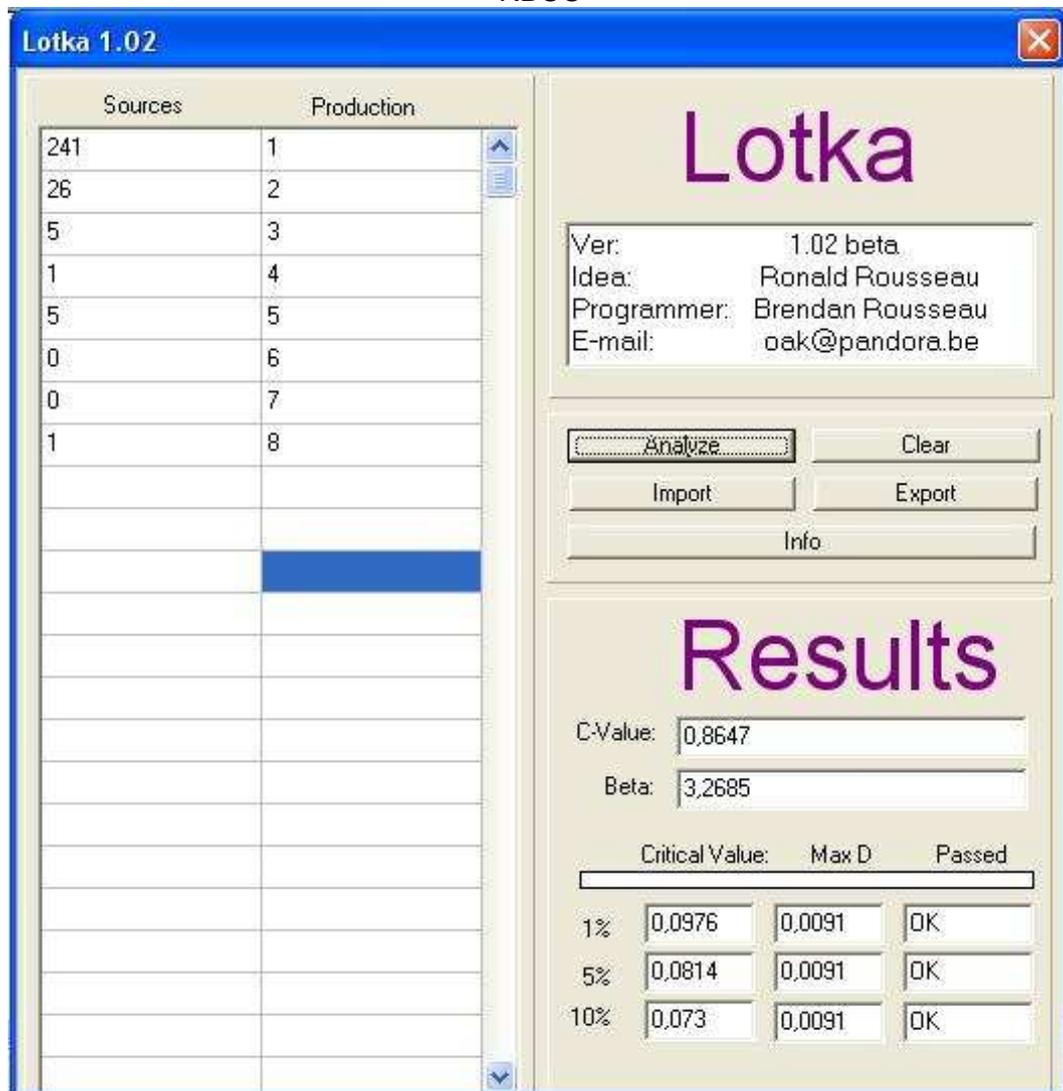
A revista Comunicação & Sociedade apresentou o “índice de transitoriedade” (ESTRADA LORENZO *et al.*, 2003) no valor de 78% ($n^{\circ} = 236$) (ver Tabela 6 e Gráfico 9). Superando em 18% o valor sugerido por Lotka.

Ambas apresentam uma distribuição diversa da mensurada pela teoria do Quadro Inverso defendida por Lotka. No entanto, quando os dados foram dispostos na planilha do *software*, os valores por ele calculados confirmam a aplicação da Lei de Lotka tanto para a revista Intercom – RBCC (ver Figura 1), quanto para a revista Comunicação & Sociedade (ver Figura 2). Esse fato também pode ser observado nos estudos de Estrada Lorenzo *et al.* (2003), pois 84,8% dos autores publicaram apenas 1 artigo. Não obstante, da mesma forma que o presente estudo, quando a Lei de Lotka foi aplicada para a análise da produtividade da Revista Espanhola de Saúde Pública ela mostrou-se verdadeira.

Tabela 5 – Produtividade dos Autores da Intercom - RBCC

	Nº de Autores	Nº de Artigos Publicados	%
	241	1	86,3%
	26	2	9,3%
	5	3	1,8%
	1	4	0,4%
	5	5	1,8%
	0	6	0,0%
	0	7	0,0%
	1	8	0,4%
Total	279	345	100%

Fonte: dados da pesquisa

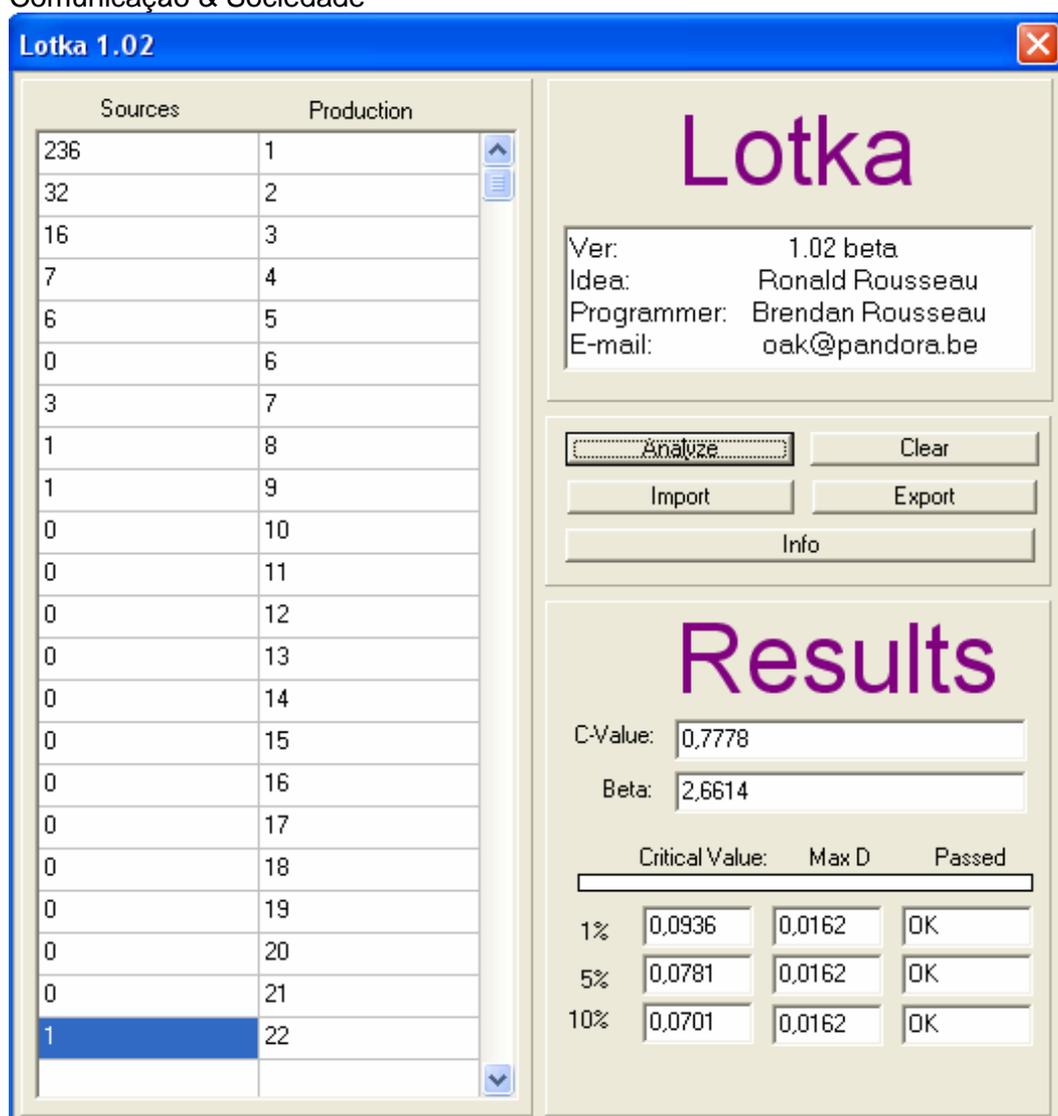
Figura 1 – Aplicação da Lei de Lotka da Produtividade dos Autores da Intercom – RBCC

Fonte: dados da pesquisa inseridos no software Lotkaproj

Tabela 6 – Produtividade dos Autores da Comunicação & Sociedade

	Nº de Autores	Nº de Artigos Publicados	%
	236	1	78,0%
	32	2	10,6%
	16	3	5,3%
	7	4	2,3%
	6	5	2,0%
	0	6	0,0%
	3	7	1,0%
	1	8	0,3%
	1	9	0,3%
	1	22	0,3%
Total	303	466	100%

Fonte: dados da pesquisa

Figura 2 – Aplicação da Lei de Lotka da Produtividade dos Autores da Comunicação & Sociedade

Fonte: dados da pesquisa inseridos no software Lotkaproj

4.1.7 Instituições Mais Representativas

Por se tratar de uma publicação oriunda de sociedade científica e colocar-se como agregadora de estudiosos da área de Comunicação, a Intercom – RBCC conta com a presença de diversas Universidades (ver Tabela 7) aqui representadas pelas autorias. Figuram na revista 20% de instituições estrangeiras.

Como anteriormente descrito, a revista Comunicação & Sociedade apresenta um elevado percentual de autorias provenientes da UMESP que é a instituição responsável pela publicação do periódico. (ver Tabela 8).

De acordo com Meadows (1999), todo veículo de divulgação científica deve estar sempre atento para não se transformar em uma publicação de grupos sectários, fato que acarretaria uma sensível diminuição na qualidade e pluralidade das contribuições.

Tabela 7 – Intercom - RBCC: instituições mais representativas

Instituição	Nº de Contribuições	% de Contribuições
USP	39	11,3%
UFRGS	14	4,0%
UFSC	16	4,6%
UMESP	15	4,4%
UNB	11	3,2%
Outras	205	59,5%
Não Informada	45	13,0%
TOTAL	345	100%

Fonte: dados da pesquisa

Tabela 8 – Comunicação & Sociedade: instituições mais representativas

Instituição	Nº de Contribuições	% de Contribuições
UMESP	194	42,0%
USP	20	4,0%
UFRGS	9	2,0%
UFRJ	7	2,0%
Outras	196	42,0%
Não Informada	40	8,0%
TOTAL	466	100%

Fonte: dados da pesquisa

4.2 TENDÊNCIAS DA AUTORIA NAS REVISTAS

Nessa seção serão enfocados aspectos que mostram as tendências da autoria nas revistas. Ou seja, os resultados encontrados distribuídos em estratos temporais que possibilitaram a análise.

4.2.1 Gênero da Autoria

A revista Intercom – RBCC apresenta predominância do gênero masculino em detrimento do feminino em relação aos autores (ver Gráfico 1). Esse resultado difere dos encontrados na pesquisa de BOHN (2003), que toma como base a análise de quatro periódicos da área de Biblioteconomia e Ciências da Informação e conclui que 63% dos autores que publicaram nesses periódicos são do gênero feminino. Isso talvez seja explicado pelo fato de que ambas as áreas acima mencionadas caracterizam-se pela predominância de profissionais do sexo feminino. No entanto, a área de Comunicação nos traz elementos que denotam uma constituição diferenciada em relação ao gênero dos autores e de seus artigos.

A revista Comunicação & Sociedade também apresenta predominância do gênero masculino em relação ao feminino (ver Gráfico 2). Com base nas 466 autorias, constata-se que os homens contribuíram com um maior número de trabalhos veiculados na revista (303 autorias são do gênero masculino).

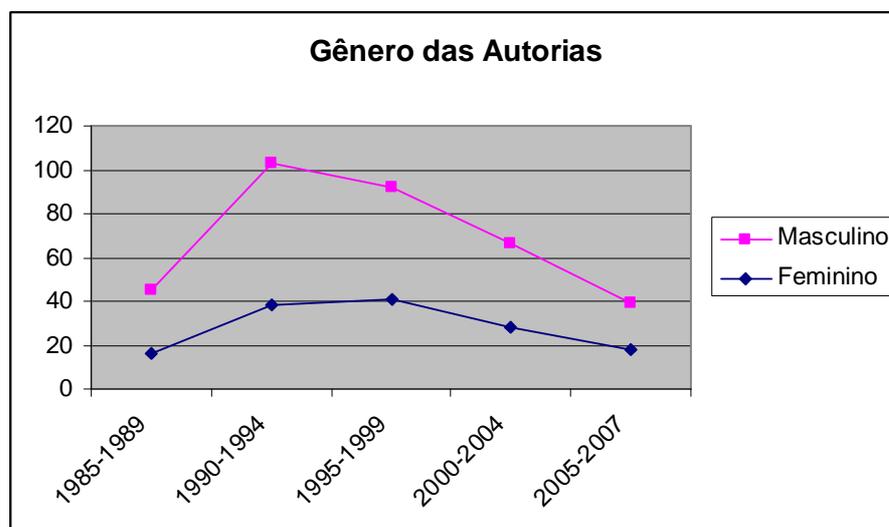


Gráfico 8 – Gênero das Autorias na Revista Intercom – RBCC

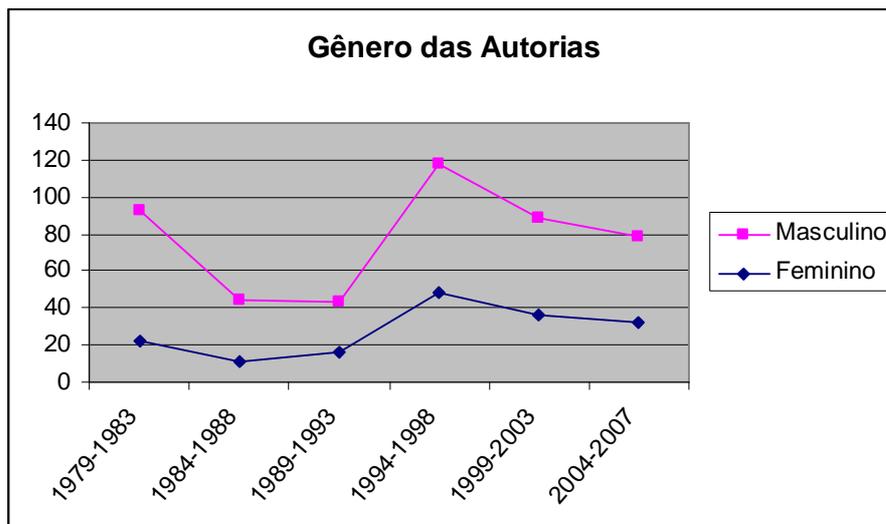


Gráfico 9 – Gênero das Autorias na Revista Comunicação & Sociedade

4.2.2 Modalidade de Autoria

Autores como Campos e Carvalho (1981), Robinson (1989), Camargo (1997) e Meadows (1999), afirmam que as ciências naturais produzem uma quantidade superior de artigos em colaboração quando comparada às ciências sociais e humanidades. É corrente na literatura da área, que grande parte dessa colaboração se deve ao fato de que as ciências naturais, como a física, a química e a biologia necessitam de maior aporte financeiro para viabilizar – por exemplo – laboratórios e saídas de campo. Esse fato culmina por congregar cientistas em torno de um mesmo objeto de pesquisa buscando otimizar os resultados e minimizar os custos.

Já nas ciências sociais e humanidades a pesquisa tende a ser realizada de maneira mais individual. Em contraposição a esse histórico, está a crescente inter ou multidisciplinaridade que permeia a ciência produzida nos tempos modernos.

Meadows (1999) comenta que fatores como o aumento na especialização e o crescimento da pesquisa propiciam a reunião de grupos de pesquisadores em torno de um único objeto de estudo. A necessidade de unir-se a pesquisadores de outras áreas ou ampliar a discussão entre pares resulta no crescimento da produção em co-autoria. Na investigação de Silva, Pinheiro e Menezes (2005), referente à área da Ciência da Informação, a autoria individual perfaz um total de 67,4% dos artigos publicados.

Esse estudo, feito com base no periódico *Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, assemelha-se aos valores encontrados na *Intercom – RBCC*, na qual 74% (nº = 241) dos artigos publicados são escritos por apenas um autor, indicando que a área da Comunicação ainda segue o modelo individualista de investigação. Em contrapartida, o periódico demonstra que está, nos últimos anos, começando a publicar, com maior frequência, trabalhos em colaboração (principalmente em dupla). (ver Gráfico 10).

Os dados sobre a modalidade de autoria observados na *Comunicação & Sociedade*, mostraram-se de maneira mais clara em comparação a *Intercom – RBCC* no que diz respeito ao declínio da autoria individual ao longo dos anos.

O aumento da publicação com múltipla autoria se dá, principalmente nos dois últimos períodos analisados. A autoria individual mesmo perfazendo um total de 74% (nº = 345) das autorias mostra-se em declínio. (ver Gráfico 11).

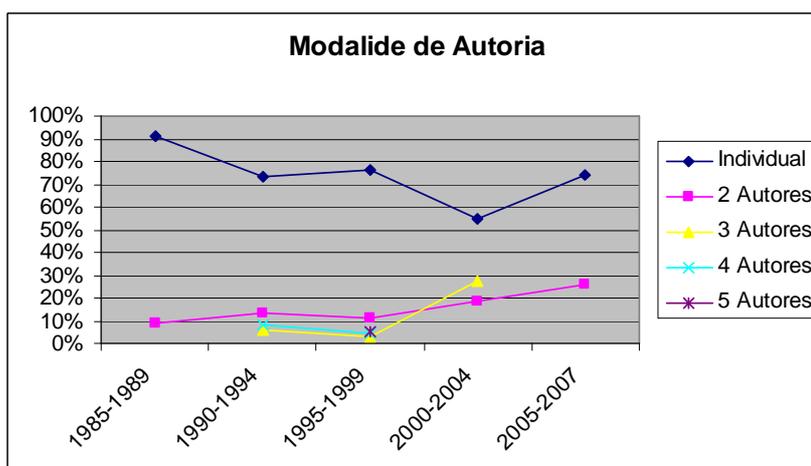


Gráfico 10 – Modalidade de Autoria na Revista *Intercom – RBCC*

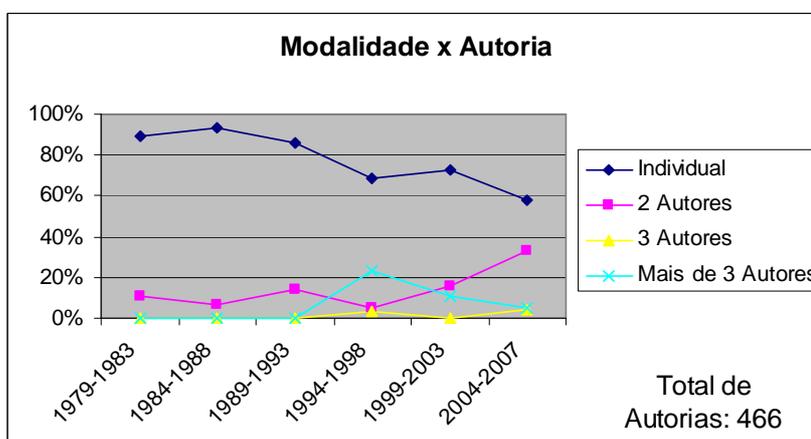


Gráfico 11 – Modalidade de Autoria na Revista *Comunicação & Sociedade*

4.2.3 Titulação

É sabido que as universidades brasileiras, principalmente a partir da década de 90, estão em franco processo de qualificação do corpo docente (POBLACIÓN, 2002). Isso reflete-se nas autorias dos artigos das revistas estudadas. Esse dado é aqui constatado pelo aumento significativo no número de mestres e doutores que publicaram nas revistas ao longo de suas existências.

Em relação à Intercom – RBCC, a classe de mestres e doutores representa 34% (n = 117) das autorias verificadas no período estudado (1985-2007). Também se pôde constatar um declínio considerável no número de autores que não informam sua titulação. (ver Gráfico 12).

A mesma tendência, em relação à titulação dos autores, é observada na revista Comunicação & Sociedade, mas de maneira ainda mais evidente nos últimos anos. (ver Gráfico 13).

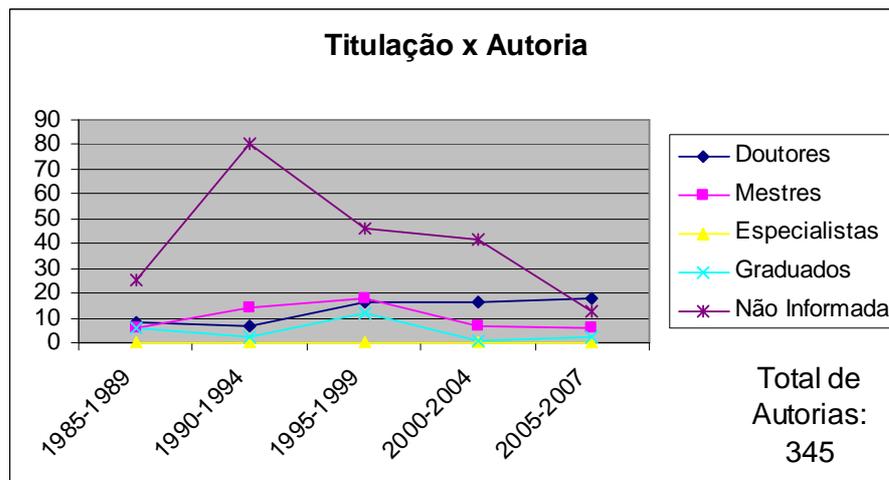


Gráfico 12 – Tendências da Titulação na Revista Intercom – RBCC

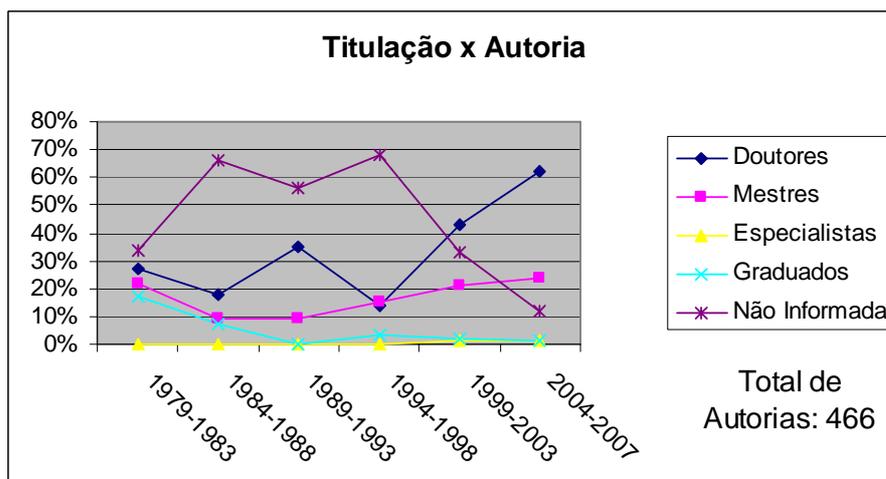


Gráfico 13 – Titulação na Revista Comunicação & Sociedade

4.2.4 Média de Páginas dos Artigos

Não se pode afirmar que o aumento no número de páginas utilizadas para a publicação de trabalhos signifique aprofundamento nos temas abordados. De qualquer forma, a constatação de que a média aumenta, a cada período, sugere que os autores estão sendo mais exaustivos em suas contribuições. Apenas um estudo qualitativo poderá confirmar as razões deste aumento. (ver Gráfico 14).

Observa-se, no periódico Comunicação & Sociedade, um decréscimo bastante representativo ocorrido entre o período de 1999-2003. Isso talvez possa se justificar com base no fato de que em 2003 ocorreu a comemoração dos 25 anos da revista. Com um fascículo completo dedicado a essa data comemorativa, todas as contribuições foram escritas, de modo reminiscente e pessoal por personalidades que compuseram o cenário desses 25 anos da publicação. Em artigos com uma variação entre 18 e mais de 25 páginas cada, a média nesse período (23,8) pode ter sido influenciada por esse evento, pois essa mesma tendência não é observada nos fascículos subsequentes da revista. (ver Gráfico 15).

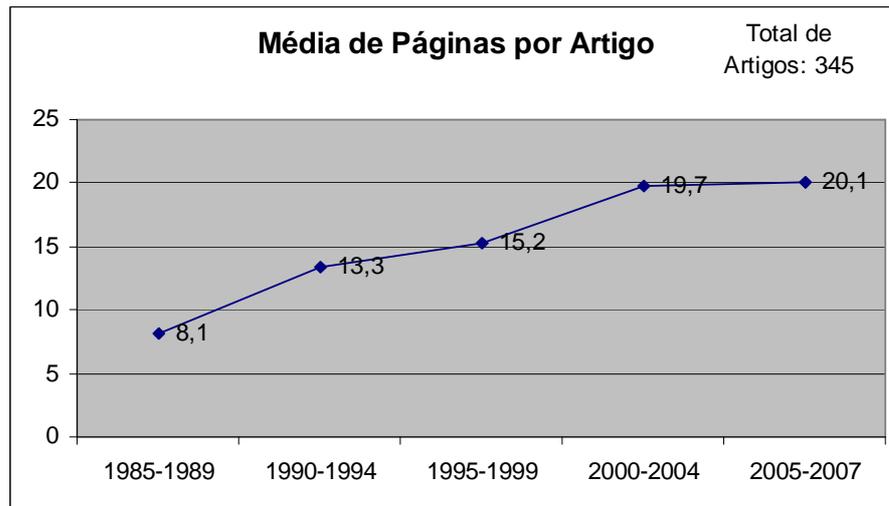


Gráfico 14 – Média de Páginas por Artigo na Revista Intercom - RBCC

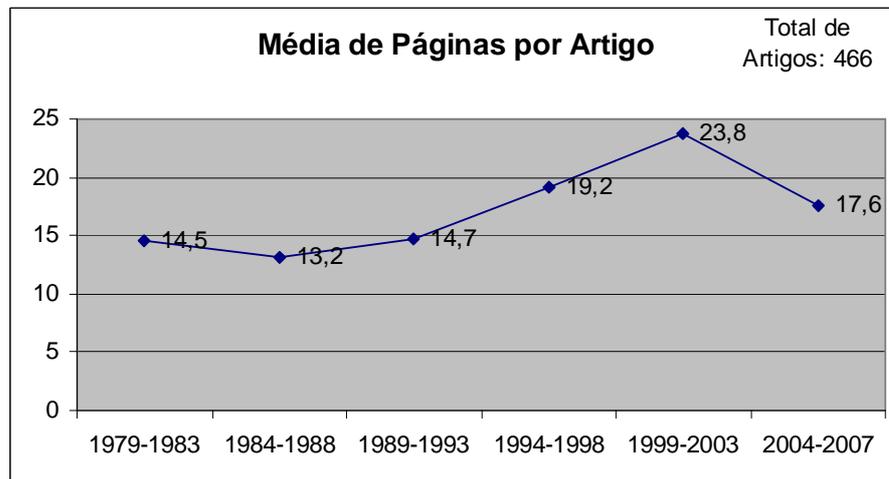


Gráfico 15 – Média de Páginas por Artigo na Revista Comunicação & Sociedade

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coleta de dados realizada nos 46 fascículos da Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação abrangendo o período de 1985 a 2007, bem como nos 48 fascículos da Comunicação & Sociedade compreendendo o período entre 1979 a 2007, resultou no total de 811 autorias. Elas apresentam-se divididas da maneira que segue: Intercom – RBCC com 345 autorias e Comunicação & Sociedade com 466 autorias.

A notável predominância do gênero masculino em ambos os periódicos corrobora a idéia de que a área da Comunicação tem por característica histórica a forte presença masculina em seu processo de produção. De maneira nenhuma, o presente estudo, pretende tecer ilações definitivas a esse respeito. Mesmo porque quando analisou-se o gênero das autorias conforme os extratos temporais determinados para cada periódico, tanto a Intercom- RBCC como a Comunicação & Sociedade apresentaram declínio no número de autorias do gênero masculino.

A presença de autorias com pós-graduação na Intercom – RBCC, entre os 49% (n = 169) dos autores que disponibilizaram essa informação em suas credenciais, mostrou-se representativa 34% (n = 117). Na revista Comunicação & Sociedade esse valor é de 50% (n = 233). Possivelmente, a diferença entre os percentuais tenha como justificativa o fato de que a revista Comunicação & Sociedade é publicada pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e suas autorias provém, de maneira significativa, da própria instituição (42%).

A predominância de autorias que exercem a docência como principal atividade profissional foi observada em ambos os periódicos. No caso específico da revista Intercom – RBCC, 44% das autorias mantém vínculo com universidades. Já na Comunicação & Sociedade esse percentual é de 70%. A diferença entre os dois periódicos encontra, novamente, explicação no fato de que a Comunicação & Sociedade é uma publicação proveniente do Programa de Pós-Graduação da UMESSP. Esse dado, no caso específico da área da Comunicação, reafirma a idéia de que o conhecimento e as novas teorias são, na maioria das vezes, provenientes dos centros universitários.

Dentre os autores mais produtivos ressalta-se o nome de José Marques de Melo. O autor contribui com 2,3% do total de artigos publicados na Intercom – RBCC e com 4,7% na Comunicação & Sociedade. A presença de José Marques de Melo em ambos os periódicos talvez possa ser explicada pela relação histórica que ele mantém tanto com a Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), responsável pela publicação da Intercom – RBCC, como com a UMESP, entidade publicadora da Comunicação & Sociedade.

O número de páginas utilizadas pelos autores para a publicação de seus artigos tem aumentado significativamente em ambos os periódicos. Não se pode afirmar que esse aumento signifique o aprofundamento nos temas abordados, mas sugere que os autores estão sendo mais exaustivos em suas contribuições. Apenas um estudo qualitativo poderá confirmar as razões deste aumento.

A modalidade de autoria individual mostrou-se em franco declínio no periódico Comunicação & Sociedade. Se nos primeiros anos da revista aproximadamente 85% das autorias eram individuais, hoje esse percentual representa menos de 60%. Em contrapartida, a revista Intercom – RBCC apresentou períodos nos quais o declínio das contribuições individuais representaram menos de 60% do total de autorias e atualmente, (2005-2007) esse valor representa mais de 70% do total. Sem uma análise qualitativa, tornou-se impossível verificar o motivo pelo qual o periódico apresentou essa oscilação.

Finalmente, sobre a metodologia empregada, acredita-se que as planilhas, geradas a partir do Excel, atenderam às necessidades do estudo, além de terem auxiliado na padronização dos dados. Quanto à escolha do *software Lotkaproj*, ela demonstrou-se adequada para os fins da pesquisa. Este programa possibilitou a aplicação da Lei de Lotka, com base na produtividade dos autores, de maneira facilitada e confiável. Os resultados encontrados confirmam a distribuição da produtividade dos autores de acordo com o postulado por Lotka em ambos os periódicos analisados.

Esta investigação procurou contribuir para com a área da Comunicação, no que concerne ao conhecimento do perfil das autorias que publicaram nas duas mais antigas revistas científicas no Brasil da área. Ao mesmo tempo, objetivou propiciar uma maior visibilidade da produção intelectual da comunidade científica.

Em função da incessante busca em estabelecer-se e legitimar-se como área do saber, a Comunicação ainda procura sedimentar possíveis identidades epistemológicas, seus objetos de estudo e suas linhas de pesquisa. Sendo assim, o presente trabalho espera ter contribuído com informações acerca dos atores sociais que desenham e compõem o campo da Comunicação no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABRAMCZYK, Julio. Sem Ciência Não Há Progresso. In: WERTHEIN, Jorge; CUNHA, Célio da. (Org.). **Investimentos em Educação, Ciência e Tecnologia: o que pensam os jornalistas**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. P. 139-142.

ANTONIO, Irati. Autoria e Cultura na Pós-Modernidade. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 189-192, maio/ago. 1998.

ARAÚJO, Carlos Alberto. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR-6022**: informação e documentação – Artigo em Publicação Periódica Científica Impressa – apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

BARTHES, Roland. A Morte do Autor. In: _____. **O rumor da Língua**. São Paulo: Brasiliense, 1998. P. 65-70.

BOHN, Maria Del Carmen Rivera. Autores e Autoria em periódicos Brasileiros de Ciência da Informação. **Encontros Bibli**: revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação da UFSC, Florianópolis, n. 16, 2º sem. 2000. Disponível em: < <http://www.encontrosbibli.ufsc.br> >. Acesso em: 20 mar. 2007.

BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAMARGO, Maria Valéria Guimarães Pompêo de. Autoria na Geração de Artigos. In: WITTER, Geraldina Porto (Org.) **Produção Científica**. Campinas, SP: Átomo, 1997. P. 147-156.

CARDOSO, Onésimo de Oliveira. Pós-Graduação em Comunicação no IMS: 10º ano de funcionamento consolida atividades. **Intercom - Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo: Intercom, p. 115-121, 1988.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Critérios de Avaliação Trienal Triênio Avaliado (2004 – 2006) Área de Avaliação: Ciências Sociais Aplicadas I (Comunicação/Ciência da Informação/Museologia). Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/criterios/avaliacao_trienal_2007.html>. Acesso em: 22 abr. 2008.

CORTÊS, Pedro Luiz. Considerações Sobre a Evolução da Ciência e da Comunicação Científica. In: POBLACIÓN, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da (Org.). **Comunicação & Produção Científica: contexto, indicadores e avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006. P. 33-55.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; DA VIÁ, Sarah Chucid. **Pesquisa Empírica em Ciências Humanas: com ênfase em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Futura, 2002.

DIXON, Bernard. **Para Que Serve a Ciência?** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. (Série Ciência, 28).

ESTRADA LORENZO, José Manuel *et al.* Estudio Bibliométrico de los Artículos Originales de la Revista Española de Salud Pública (1991-2000) – parte segunda: productividad de los autores y procedencia institucional y geográfica. **Revista Española de Salud Pública, Madrid**, v. 77, p. 333-346, mayo/jun. 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s.d].

FONSECA, E. N. Bibliografia Estatística e Bibliometria: uma reivindicação de prioridades. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 5-7, 1973.

GONÇALVES, Andréa; RAMOS, Lucia Maria S. V. Costa; CASTRO, Regina C. Figueiredo. Revistas Científicas: características, funções e critérios de qualidade. In: POBLACIÓN, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da (Org.). **Comunicação & Produção Científica: contexto, indicadores e avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006. P. 163-190.

KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

KUNSCH, Waldemar Luiz. Comunicação & Sociedade: 25 anos disseminando as idéias do Grupo de São Bernardo do Campo. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, SP: UMESP, n. 25, v. 40, p. 147-184, 2003.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. 2. ed. rev. e atual. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

MACIAS-CHAPULA, Cesar A. O Papel da Informetria e da Cienciometria e sua Perspectiva Nacional e Internacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 134-140, maio/ago. 1998.

MEADOWS, A. J. **A Comunicação Científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999. 268 p.

MELO, José Marque de. Vitalidade Intelectual do Grupo de São Bernardo: atualização histórica como estratégia acadêmica. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, SP: UMESP, v. 32, p. 161-178, 1999.

_____. Grupo Comunicacional de São Bernardo do Campo; pluralismo acadêmico e liberdade de pesquisa como alicerces institucionais do pragmatismo utópico. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, SP: UMESP, n. 25, v. 40, p. 13-20, 2003.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O Círculo Vicioso que Prende os Periódicos Nacionais. **Datagramazero**, Rio de Janeiro: IASI, n. zero, dez. 1999. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez99/F_1_art.htm>. Acesso em: 03 abr. 2008.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice J. L. As Questões da Comunicação Científica e a Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice J. L. (Org.). **Comunicação Científica**. Brasília: UNB, 2000. P. 13-22.

_____; PECEGUEIRO, Cláudia Maria Pinho de Abreu. O Periódico Ciência da Informação na Década de 90: um retrato da área refletido em seus artigos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 47-63, maio/ago. 2001.

OHIRA, Maria de Lourdes Blatt; SOMBRIO, Márcia Luiza Lonzetti Nenês; PRADO, Noêmia Schoffen. Periódicos Brasileiros Especializados em Biblioteconomia e Ciência da Informação: evolução. **Encontros Bibli**: revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação da UFSC, Florianópolis, n. 10, out. 2000. Disponível em: <<http://www.encontrosbibli.ufsc.br>>. Acesso em: 20 mar. 2007.

PAVAN, Cleusa. **Práticas Sociais na Comunicação Científica**: a avaliação pelos pares nas revistas de ciências da informação. Dissertação (Mestrado em

Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social, Porto Alegre, 2008.

PIZA, Daniel. Uma Abertura para o Futuro. In: WERTHEIN, Jorge; CUNHA, Célio da. (Org.). **Investimentos em Educação, Ciência e Tecnologia**: o que pensam os jornalistas. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. P. 79-85.

PESSINATTI, Nivaldo Luiz. Inovações em Processo: lembranças do primeiro doutor. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, SP: UMESP, n. 25, v. 40, p. 39-54, 2003.

POBLACIÓN, Dinah Aguiar; NORONHA, Daisy Pires. Produção das Literaturas “Branca e Cinzenta” pelos Docentes/Doutores dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 98-106, jul./dez. 2002.

ROMANCINI, R. Periódicos Brasileiros em Comunicação: histórico e análise preliminar. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (27. : 2004 : Porto Alegre, RS). **Anais** : comunicação, acontecimento e memória [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Intercom, 2004. 1 cd-rom.

STUMPF, I. R. C. **Revistas Universitárias**: projetos inacabados. 1994. 302 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 1994.

_____. Passado e Futuro das Revistas Científicas. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 25, n. 3, p. 383-386, set./dez. 1996.

_____. Reflexões sobre as revistas brasileiras. **Intexto**: revista do Mestrado da Comunicação UFRGS, Porto Alegre, n. 3, 1998. Não paginado. Disponível em: <<http://www.intexto.ufrgs.br/>>. Acesso em: 04 abr. 2008.

_____. Avaliação das revistas de comunicação pela comunidade acadêmica da área. **Em Questão**: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Porto Alegre, v.9, n.1, p.25-38, jan./jun. 2003.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação Científica na Sociedade Tecnológica: periódicos eletrônicos em discussão. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, SP, v. 31, p. 71-98, 1999.

_____. Comunicação Científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade**, Paraíba: UFPB, n. 2, v. 10, p. 1-27, 2000.

TARGINO, Maria das Graças. Artigos Científicos: a saga da autoria e co-autoria. In: FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TARGINO, Maria das Graças (org.). **Preparação de Revistas Científicas: teoria e prática**. São Paulo: Reichmann & Autores, 2005. P. 35-54.

URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, Rubén. A Lei de Lotka na Bibliometria Brasileira. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 14-20, maio/ago. 2002.

_____. A Produtividade dos Autores na Literatura de Enfermagem: um modelo de aplicação da Lei de Lotka. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 83-103, jan./jun. 2006.

VANTI, Nádia Aurora Peres. Da Bibliometria à Webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 125-162, maio/ago. 2002.

WEIS, Mary A.; QIU, Joseph. The Journal of Risk and Insurance: a 75-year historical perspective. **The Journal of Risk and Insurance**, Malven, PA, v. 75, n. 2, p. 253-274, 2008.

YAMAMOTO, Oswaldo H., SOUZA, Carina Cavalcanti de; YAMAMOTO, Maria Emília. A produção científica na psicologia: uma análise dos periódicos brasileiros no período 1990-1997. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.12, n.2, p. 549-565, 1999.

ZIMAN, John Michael. **Conhecimento Público**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. (Coleção O Homem e a Ciência, 8).